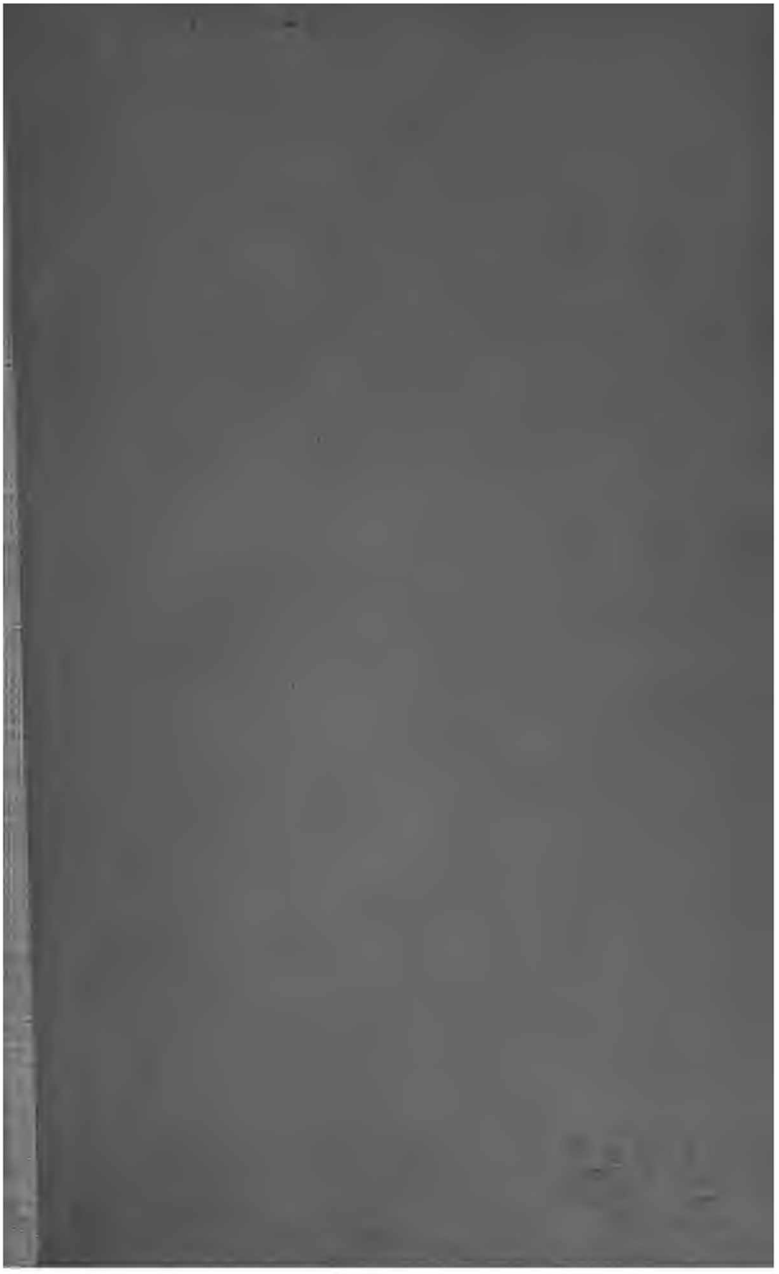
3 3433 07437905 2



BIBLIOTHECA MORÉ.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

NO BOM JESUS DO MONTE

Áquellas florestas sinto eu atado ainda o coração por mui tragadoras lembranças. Em diversas estações da minha vida la fui a conversar com o passado que ahi me florira, ou a inflorar esperanças, que reverdeceram no pó d'outras que se desfizeram.

(*O author* — MEMORIAS DO CARCERE, T. 1.°, *Pref.*).

PORTO
EM CASA DA VIUVA MORÉ — EDITORA,
A mesma casa em Coimbra, Rua da Calçada.
Casa de commissões em Paris, 2bis rua d'Arcole.
1864.

J. W. Hawes
from Portuguese dept
Philadelphia Exhibition
Received March, 18

NO BOM JESUS DO MONTE.

NO BOM JESUS DO MONTE

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Áquellas florestas sinto eu atado ainda o coração por mui tragadoras lembranças. Em diversas estações da minha vida lá fui a conversar com o passado que ahi me florira, ou a inflorar esperanças, que reverdeceram no pó d'outras que se desfizeram.

(*O author* — MEMORIAS DO CARCERE, T. 1.°, *Pref.*).

PORTO
EM CASA DE VIUVA MORÉ — EDITORA
PRAÇA DE D. PEDRO.

1864.

PUBLIC LIBRARY
493739

TYPOGRAPHIA DE SEBASTIÃO JOSÉ PEREIRA,
Rua do Almada, 641.

A FRANCISCO MARTINS DE GOUVÊA MORAES SARMENTO

DE GUIMARÃES

Meu amigo

Se vossê, hoje, por volta de duas horas da tarde, subisse á espinha das serras que sobranceiam o seu magestoso palacio de verdura, e apontasse de lá o seu oculo para estas eminencias do sul, via-me n'um cabeço de outeiro, que chamam aqui o *castello de Vermoin*. No penhasco mais a pico me assentei, olhando por essas pradarias fóra, até onde a corda de sêrros me abalisava o horisonte, para além do qual se transmontava o meu espirito a visitar Francisco Martins entre os seus milhares d'amigos — milhares de livros, quero dizer.

Eu bem sabia que vossê, dobrando a pagina da brochura, e accendendo o quinquagesimo cigarro, acolheria o hospede desenfastiadamente, perguntando-lhe:

— Que faz no castello de Vermoin a materia que te cá mandou, espirito?

— A materia que me cá mandou — responderia o *eu* com ambições de graça — desde que o amor das christans lhe desmiolou a cavidade craneana, anda em cata de moiras encantadas, no impio proposito de moirisar-se, se alguma o involver nas madeixas negras, destrançadas com pente d'oiro e perolas. N'este ruim fadario, aquella pobre materia, onde me acho transmigrado por effeito de não sei que malfeitorias da

minha vida anterior, vagamundeia por castellos velhos, pardieiros insilveirados, e toda a especie de ruinarias. Eu vou n'aquelle corpo onde me elle leva; porém assim que sinto latejar-lhe no coração alguma saudade de amigo, aperto com elle, estampo-lhe paineis de bem tristes memorias em tudo que possa lisongear-lhe os sentidos grosseiros, e consigo assim desatar-me da materia, e avoejar ao amigo, que lhe deu no coração o rebate da saudade. Por isso aqui estou.

Isto dito, entrava o meu Francisco Martins, com alçada de amigo e irmão, a syndicar do meu delegado coisas meramente do fôro d'elle, e havia de sorrir ás respostas, que o fariam enternecer ha dez annos. O meu espirito, porém, con-

tente do seu ridente agasalho, viria dizer-me: « Ouviu-me; soffreou em quanto pôde os impulsos do riso; mas a final desafogou na mais sensata das casquinadas, e fallou assim em conclusão:

— Vai-te ao castello de Vermoin, e diz á infausta materia, cuja és, que se não desça de lá sem que a fome e a sêde a atormentem.

— Ha ideia philosophica em semelhante aviso? — perguntaria a minha materia ao meu espirito.

— Ha, bruta! — responderia elle — Quer dizer que, no estado a que te reduziste, uma só sensação — fome e sede — te podem aligar agradavelmente á realeza plastica. Vem a dizer que te desças d'esses mundos fumarentos, que te aze-

dam as lagrimas nos olhos e te empeçonham o ar dos pulmões. Quer dizer que, de espiritualisares em demasia a tua animalidade, tocaste o extremo da brutificação. Quer dizer que cuides mais de ti do que de mim, e aqui do coração, meu nescio visinho, que tem abusado do meu nome em vilissimas negociações com a materia alheia, fazendo-me perder noventa e nove por cento dos meus creditos, grangeados em tanto lavor de livros, nos quaes eu quiz mostrar que o conhecia a elle e aos outros. Quer dizer...

— Basta! — interromperia eu — Caro has de pagar a audacia com que me vens commentar as palavras do Francisco Martins. Eu te farei abafar nas intumecencias da baixa viscera...

— Do estomago? — havia de elle atalhar — Relamboria bravata, minha pobre sandia! Tomara-te eu mais atuxada de fibra san, e regada de meandros de bom sangue, que eu me remontaria sobre estas feminidades parvoinhas em que me trazes anazado ha vinte e dois annos! Não sabes tu que Newton e Descartes comiam mirificamente? Quando ouviste dizer que Luiz de Camões jejuava? Almeida Garrett pompeava nas esquisitices da mesa. Alexandre Herculano dá jantares de Luculo aos litteratos que te fazem umas cantilenas metricas tão cepilhadas pelo gume do ideal, que parecem suspiros de sylphos. O Castilho, o subtilissimo poeta, come legumes, é isso verdade; mas já o viste misturar camarões

e salada de lagosta, e outras iguarias nervosas aos feijões carrapatos? Que summidade intelligente careceu de me sacrificar as regalias da minha irman? Cita-m'a lá!

Ponderadas estas e outras clausulas irrespondiveis do meu espirito, desci do castello de Vermoin, e, sentado á mesa farta da hospitaleira casa que me agasalha, experimentei o elasterio das mucosas, desde a abertura do esophago — portico magnifico do templo por onde fazem triumphal entrada muitos homens de polpa — até ao cardía, outra porta por onde sahe o mais acrisolado amor de patria d'elles, para entrar na commum elaboração da materia universa.

Afogado o espirito nos vapores d'uma diges-

tão difficil, vim sentar-me a escrever-lhe esta carta, Francisco Martins, por debaixo do seu nome, que eu tinha posto na primeira pagina de um livro, offerecido á sua amizade.

Não foi bem por amor das moiras que eu fui ao castello de Vermoin. Foi parte n'isto o Arnaldo Gama, que está publicando n'um jornal o *Segredo do Abbade*, romance que é exordiado por um bosquejo das antigalhas d'este lanço do Minho, onde estou. Diz o romancista que d'um alto de S. Miguel das Aves se avistava o castello de Vermoin, a torre de Numães, *etc.* — Que castello é este que eu tenho aqui tanto á mão?— perguntei eu ao corographo Carvalho, o qual me respondeu assim a pag. 320 do tomo 1.º:

« O quinto e ultimo julgado de que se compõe o termo de Barcellos, é o de Vermoin, nome que tomou de um castello que n'elle está, e este de um fidalgo que o senhoreou, chamado D. Vermui Forjaz, derivado de Varamundo, progenitor dos Pereiras, que por alli teve seu assento *etc.* »

Desisti de saber onde teve por alli seu assento o progenitor dos Pereiras; mas quiz ver o castello de D. Vermui Forjaz. Estava eu lá, e perguntava ao proprietario do rocim, esbofado da subida: « Onde é o castello? » — E' aqui — dizia elle. « Estás enganado, ou o teu castello é dos que se fazem em Hespanha — repliquei. — Dáme conta do castello do meu amigo Arnaldo Gama, castello que elle viu e mais o seu amigo Del-

fim Maya. Póde ser que elles, como rapazes, imaginassem castellos; mas o padre Carvalho era um homem grave e ancião, quando escreveu aquillo de paginas 320, tomo primeiro. Que é do castello de Vermoin, rapaz?» — E' aqui — redarguiu elle, já desconfiado que eu fosse algum dos scelerados moiros que por alli andam á tuna a horas mortas.

O castello, meu amigo, é um acervo de penedos onde nunca entrou broca, nem estanceou gente que não tivesse cabras a pascer pelas lombas da montanha. D. Vermui, se alli morou, vivia alapardado em lura que não lobriguei. Aquelles fidalgos godos trouxeram das Asturias a costumeira de viverem subterraneos: é possi-

vel que o progenitor dos Pereiras Forjazes por lá deixasse os seus valentes ossos empedrenidos n'uns como fragmentos de rocha que por lá topei, com rijo aggravo dos meus pés. Louvores ao honrado varão que fez D. Fuas Pereira, o qual fez Dona Mayor Pereira, a qual fez D. Ruy Forjaz, o qual fez... todos fizeram o que puderam, menos castello.

Outro sim, diz Arnaldo Gama que avistara do alto de S. Miguel das Aves a torre de Numães. Ahi me vou eu, serra fóra, em cata da torre de Numães.

Aqui está uma casa a desabar com tres janellas de cantaria grossa. Deve de ser aqui o paço da antiga *Honra de Numays*. E a torre,

que é d'ella? A torre, que o romancista viu, esboroou-se ha mais de cem annos. O pae d'um lavrador sexagenario, que ia comigo, ajudou a demolir a capella, quando já não existiam vestigios exteriores de torre. Fui esquadrinhal-os internamente. Lá está, a um lado do primeiro e unico pavimento, uma porta ponteaguda, empenada sobre um desvão destelhado: alli seria a entrada para a torre. Vivem nas reliquias do famigerado paço os caseiros dos condes de Villa Pouca, descendentes transversaes dos senhores de Numães. Pois aqui viveram d'estas paredes a dentro façanhosos e namorados cavalleiros, e formosissimas donas e donzellas. Deviam de sel-o as duas Elviras, uma que veio de Palmeira casar

alli com D. Ruy Nunes, e outra que d'alli foi casar com D. Pedro Mendes Gandaray. Dos mancebos que por aqui se enrijaram n'esta valente natureza, um, Pedro Rodrigues, se morreu de amores por uma tia; outro, desconsolado tambem por coisas do coração, foi-se á Italia morrer bravamente na hoste de Dom Henrique, infante de Castella, em 1266. N'aquelles paços actualmente presumo que um amante infeliz, em vez de se ir morrer lá fóra, póde deixar-se comer dos ratos que, em quanto a mim, engoliram a torre.

A distancia de um tiro está o palacio, em magnificas ruinas, dos senhores de Farelães, Corrêas de Lacerda, em que succederam os con-

des de Terena. Fui visital-o a convite de Frei Luiz de Sousa, author da *Vida do Arcebispo*. Fiei-me na seriedade d'este dominicano, e lá encontrei o filho do roble, que elle encarecera n'estes termos: « ..... Cerremos este capitulo com uma monstruosidade que mostraram ao arcebispo os moradores do logar de Ruyvães... Era uma arvore de tão desmesurada grandeza, que dentro no tronco, que da muita antiguidade tinha aberto e ôco, se armou uma mesa, e o arcebispo se assentou a ella em uma cadeira, e por memoria no mesmo sitio e assento visitou a freguezia, e tinha tambem logar dentro a testemunha que vinha dizer o seu dito. A ramada, que de si lançava esta arvore, era tão grossa e es-

tendida, que affirmavam chegava a dar todos os annos sessenta alqueires de bolota. Bem podemos cuidar que seria tal planta tão antiga como a terra que a criou... » (1).

Cento e vinte annos, ou mais, depois que o arcebispo a vira, lá estava ainda a arvore, que o padre Carvalho, na *Corographia*, recommenda n'estes termos: « Na aldeia de Rebordello, que antigamente se chamou Roboredo, está a (casa) do mestre de campo Manoel Corrêa de Lacerda, senhor de Farelães, e dentro do pateo tem um grande carvalho que o cobre todo, a mais formosa arvore para o intento de quantas tenho visto. » (2).

(1) L. I. cap. XIV. (2) T. I. pag. 329.

Enorme é o carvalho que se nos depara no pateo da magestosa ancian: cercam-no uns bancos de pedra bruta, amarrados uns n'outros pelas raizes corpulentas da arvore. Não é, porém, aquelle certamente o coevo de Fr. Bartholomeu dos Martyres.

Desculpe, Francisco Martins, estas delongas á conta d'uma arvore. Vossê sabe que amor eu tenho ás arvores. Andam-me gottas de sangue celta nas arterias; antes me queria a viver entre os barbaros adoradores do Teutales, que entre os calaceiros pastorinhos da Arcadia.

Este livro, que eu lhe dedico, tem muito com arvoredos. Fez-se a pedaços, ou a pedaços o coração o foi encadernando nas florestas do Bom

Jesus do Monte. A minha ambição é possuir uma arvore que me cubra com um pavilhão de folhas a casa de sete palmos, que hei de comprar n'um cemiterio, onde os meus visinhos não tenham epitaphios que façam rir os visitantes. Não sei quando entrarei em negociações com o municipio ácerca d'esta propriedade: será quando o preço d'um livro me der para a sepultura e para a arvore. Um escriptor assim ambicioso em Portugal tem que esperar.

Meu amigo, adeus. Aqui tem os effeitos spasmodicos do enchimento do estomago. O estylo não é o homem, é o alimento. Creio que volto ao castello de Vermoin para rarefazer, á cor-

rente do ar, as vaporações que me obumbram o espirito. Um sujeito que se nutre do perfume das flores será infeliz; eu, porém, mais quero o espirito em penas, que em lethargia. Agora sinto-me infeliz e bruto.

Acceite vossê assim, meu caro amigo, a amizade agradecida, e o livro menos vivedouro que ella,

do seu

6 de Março de 1864.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

NO BOM JESUS DO MONTE

Quem sabe até o que irá de mysterios nas flores e nas arvores! que idilios, que elegias, que divinos poemas não correrão nas florestas com o murmurinho dos ventos em estrophes de aromas, intelligiveis ás arvores congeneres, e ás flores da mesma especie!...

CASTILHO — *Amor e melancolia.*

Estas arvores são minhas amigas ha vinte e sete annos.

Vim hoje aqui despedir-me d'ellas: creio que para sempre me despeço.

Tenho que abraçar as mais dilectas e confidentes: umas que já eram velhas quando, em minha infancia, as vi; outras, que eram tenras então, e agora bracejam frondes de luxuriante mocidade. Eu já encaneci; e ellas verdejam exuberantes de seiva. Faço trinta e oito annos, inclinado á sepultura; e ellas tem tres seculos que viver, trezentas primaveras para se vestirem de galas novas. Meus netos virão

saborear-se em vossas sombras, ó carvalheiras, ó verdes pavilhões que me cobristes nas maximas tristezas e alegrias de minha vida!

Seria engodo ao riso andar-me eu aqui abraçando arvores, se alguem me visse. Que o não saibam os tolos, nem os felizes!

Eu escondo-me de toda a gente, quando me sinto *poeta*, que o mesmo é dizer *sensivel*. Em coisas materiaes é que me exponho francamente, para que toda a gente me tenha em conta do commum barro. Furto-me quanto posso a distincções odiosas, e ás ridiculas ainda mais. Ser tolo é má coisa; ser mau é coisa peor; mas quem puder livrar-se de ser ao mesmo tempo mau e tolo, seja antes mau. Os tiros do odio podem ferir; mas assanham os brios, e dão azo á victoria; porém os tiros do escarneo matam sempre.

Mal soantes são estas divagações aqui!

As minhas arvores desconhecem-me n'esta linguagem. Estão affeitas a verem-me contemplativo, sereno, e enlevado no azul do ceo ou no lago verde que lá em baixo se complana como bacia de aguas

precipitadas das catadupas do Gerez. Verei se consigo afinar a minha alma por umas toadas que rumorejam d'entre as selvas. Dá Deus estas harpas mysticas aos arvoredos em beneficio dos animos conturbados, que se acolhem fugitivos a ermos onde elles cuidam que o ceo os ha de ouvir. Acalentava a musica o exasperado Saul. Bons tempos! A musica d'agora é irritante. Ha pouco entrei no templo: o sacerdote consagrava a hostia, e o orgão entoava a *Traviata*. Santo Deus! Quem quizer musica de adormecer dores, e levantar a alma á sua origem, ha de pedil-a á viração e á folhagem das florestas. Para infelizes este soído parece um threno funeral; para os contentes soará isto como um cantico de festa.

Não sei por quê: as mais alegres indoles, quando aqui se defrontam com esta santa melancolia dos bosques, suavemente se recolhem n'uma tristeza pensadora. As mulheres, que de tudo motejam e com todas as frivolidades se alvoroçam, tenho-as visto aqui meditativas, serias, e, por isso, muito mais avantajadas no quilate do seu merecimento. Não que estas

grutas naturaes sejam um como antro de Trophonio, onde os imprevidentes visitantes perdiam a preciosa faculdade de se rirem. Atroz coisa seria essa, mormente para senhoras dotadas de bonitos dentes. Não é assim: a tristeza d'este remanso é generosa, é espertadora de salutares pensamentos, é joeira por onde os nocivos se estremam, é, emfim, tristeza que nos vem esmolada do ceo.

Póde ser que o meditar da mulher, ainda não felicitada com a posse d'um marido, sejam saudades do marido que ha de ter. Os asceticos dirão que a montanha do Senhor deve espiritar as almas a concepções mais remontadas. Os louvaveis desejos das pessoas devotas se edificariam mais vendo aquelles ranchos de meninas a rezarem a Via-Sacra, entoada no diapasão lastimoso que move a prantos. Eu tambem propendo á opinião dos mysticos; mas, ás vezes, se as contemplo alheadas pelo firmamento além, cuido que Deus as ama assim, e não ha razão ponderosa para que nós as queiramos d'outro feitio e modo de pensar e orar.

São as arvores uns grandes livros abertos, onde

todos deletreamos coisas que não constam da Via-Sacra, nem ainda do precioso livro do senhor Diogo Pereira Forjaz de Sampaio Pimentel (1). Creio até que ninguem as estampou, ou apenas muito em sombra as bosquejaram o poeta das *Legendas*, o poeta do *Amor*, e o poeta das *Meditações*. O que elles não disseram está no poema intraduzivel de todas as almas, tirando a partido que essas almas se chamem Lamartine, Castilho, Victor Hugo ou um nome assim, que dê á humanidade orgulho de o proferir.

O author das *Contemplações* diz:

Crois-tu que Dieu, par qui la forme sort du nombre,
Aurait fait à jamais sonner la forêt sombre,
. . . . . .
Et qu'il n'aurait rien mis dans l'éternel murmure?
Crois-tu que l'eau du fleuve et les arbres des bois,
S'ils n'avaient rien à dire, éléveraient la voix?
. . . . . .
Non, l'abîme est un prêtre et l'ombre est un poète;
Non, tout est une voix et tout est un parfum;
Tout dit dans l'infini quelque chose à quelqu'un.
. . . . . .
Dieu n'a pas fait un bruit sans y mêler le Verbe.
Tout, comme toi, gémit ou chante comme moi;

(1) *Memorias do Bom Jesus do Monte, em Braga.*

Tout parle. Et maintenant, homme, sais-tu pourquoi
Tout parle? Écoute bien. C'est que vents, ondes, flammes,
Arbres, roseaux, rochers, tout vit!
Tout est plein d'âmes. (1)

Isto, que diz Victor Hugo, é bom que não seja muito notorio. Se o zeloso clero das cercanias do Bom Jesus vertesse á lettra o *tout est plein d'âmes*, e o livro, que tal affirma, não escapasse ao *Index* do sacro collegio, veriamos as florestas mansissimas da montanha invadidas pelos exorcistas e pelo machado, modos sabidos de afugentar almas das arvores. O grande poeta queria dizer que as arvores tem vozes mysteriosas, e os corações audição interior que as escuta, e o entendimento lucidez que as comprehende. Não me parece que elle quizesse denunciar á lithurgia demonographica legiões d'almas penadas, damninhas á silvicultura. Deixemos dizer o poeta o que nós ignoramos, e deixemos tambem que as formosas romeiras do Bom Jesus se entendam com os espiritos da soledade, vestidos dos matizes da iriada borboleta, ou coruscantes na folha orvalhada com

(1) *Ce que dit la bouche d'ombre.* Contempl. XXVI. T. II.

que brincam os primeiros raios do sol. Ellas é que bem entendem o que dizem as ramagens; e póde ser que d'este seu dialogo com o invisivel resulte não as entendermos nós a ellas. De força hão de ser algum tanto aéreas as illuminadas creaturas! Nós, maus e parvos, é que as queremos arrazar e restringir ás nossas proporções. Chamamos devaneamento, desvario, ou coisa peor ainda, ao que, bem pensado, não é senão commercio e tracto, pacto e alliança com familias aeriformes, incoerciveis ás nossas mãos calejadas de martellar na vida material. Aos maridos cumpria saberem isto, e aos galans seria de muito no seu officio um curso de espiritismo, não estudado em Allemanha, mas entre as meninas que conversam os arvoredos do Bom Jesus.

De mim, sem embargo de vaidade ou pejo, confesso que por lá andei matriculado n'estes cursos, e não aprendi nada; ou o que aprendi, se o quero applicar agora, é trabalho serodio, que não tem que ver com a sciencia do mais aconchegado barrete de dormir, e flanellas correspondentes á quadra de vida de decomposição em que me acho e palpo.

Porém, sem ninguem me pedir contas, quero eu dal-as das minhas horas propicias e esquerdas n'estas amenidades, d'onde me hão de sempre vir, em rebates de saudade, as accordes toadas das harpas eolias, que as filhas queridas da minha imaginação lá impenderam d'aquellas ramas, e a mão ignobil da prosa me tirou a terra e despedaçou.

Quando eu lá ia, voltava sempre melhor. Nunca me aconteceu outro tanto ao dobrar a ultima pagina de livro de moral. Em quanto eu soube ler nas folhinhas das arvores, ia lá: agora que o gear da desgraça e do trigesimo oitavo inverno — consintam a impropriedade — me vai oxidando a alma, que iria fazer eu lá? Já não sei ler aquelles poemas, aquelles sublimes evangelhos, que o Senhor mandou escrever ao seu maximo apostolo: a natureza.

Se eu tivesse filhos, havia de ir alli passar com elles tres mezes cada anno. De madrugada, e aos primeiros assomos da noite, iriamos ao bosque da *Mãe d'Agua*, e ouviriamos a gloria do Senhor narrada pelos ceos. E mais nada.

E os meus filhos seriam bons.

1835.

I

Tinha eu nove annos, e era orphão.

Dois mezes depois d'este desamparo, com o tenro coração fistulado de saudade, a desbordar de lagrimas, e os ouvidos ainda ressoando-me á alma o estertor da agonia de meu pae, é que eu, pela primeira vez, entrei no Santuario do Bom Jesus. As lembranças, gravadas pelas fugitivas impressões d'aquella idade, são poucas; mas assim mesmo, em todas as epocas ulteriores que alli fui, o tão remoto passado, com as suas quasi delidas memorias, vinha entre-luzir-me nas commoções melancolicas do presente. Os grupos piedosos das capellas que prendem a curiosidade da criança, já enternecendo-a com o aspeito doce e affligido de Jesus, já apavorando-a com o

gesto sanhudo e esgares ferozes dos soldados de Poncio, pouco me lembram, salvo um rapaz do meu tamanho de então, que chegava os pregos aos crucificadores do martyr. O que ainda indelevelmente diviso na tela do meu espirito dos nove annos, é as grandes arvores, as sombras escuras, os penhascos musgosos, e, lá em baixo, um oceano de verduras ondulando entre outeiros, e á volta dos presbyterios, casalejos, e edificios de grande porte, que alvejavam d'entre a espessura dos arvoredos.

Que devanear seria o meu n'aquelle dia? Quando eu punha os olhos, carregados de lagrimas, no azul do ceo, que tão outro se me figura hoje, que aza de anjo da angustia levaria para lá a minha prece! N'ella se me iria a alma, em anceios de saudade, procurar meu pae que, ao sahir do mundo, nem se quer me deixara mãe, que me ensinasse a orar por elle.

Devo ajuizar da minha precoce sensibilidade, recordando que, dois mezes antes, entrei, por noite alta, na sala onde meu pae estava amortalhado, sem mais companhia que quatro cirios de chamma azulada. Ajoelhei, sem orar. Afastei da fronte do cadaver o capuz do habito, e beijei-lh'a. Puz tambem a boca nas mãos glaciaes; senti um frio de que ainda o coração me guarda a memoria: o frio do ambiente

dos mortos. Ao meu lado, ninguem. A irman, que eu tinha, alguns annos mais velha, encerrara-se com a sua dôr e com o seu terror de cadaveres. E eu estava alli, destemeroso das sombras que desciam dos angulos do tecto á penumbra do clarão oscillatorio das tochas. Largo espaço contemplei a face de meu pae, aformoseada pelo resplandor da aurora do dia eterno; e assim ponderei as ultimas palavras que lhe ouvira, confiadas ao frivolo espirito dos meus nove annos: « Que será de ti, meu filho, sem ninguem que te ame!... »

Poucas horas depois que m'as disse, fez-se noite n'aquella alma: dez dias volvidos as trevas desataram-se ante o alvorecer da eternidade. E eu assistira, dia e noite, a esta agonia.

II

Deram-nos um tutor, que nos mandou para Traz-os-Montes acolher ao abrigo da irman de meu pae.

Embarcamos no barco a vapor, chamado *Jorge IV*. Uma criada, que tinha ares de mestra de minha irman, veio comnosco, estipendiada por conta do nosso patrimonio. A senhora Carlota Joaquina não me esquece. Era uma mulher gorda, façuda, e frescalhona, que bolsava os figados do beliche abaixo, e gritava *á-d'el-rei* de afflicta com o enjôo.

Era immundo, sujo a mais não poder, o *Jorge IV*. A camara era commum dos dois sexos, com menos resguardo que os mosteiros duplices da idade media; mas os animos dos passageiros pareceram-me a negação de toda a ideia monastica. Os homens do beliche do segundo andar conversavam com as mu-

lheres do primeiro dialogos entrecortados de vomitos. A senhora Carlota, que ficou á minha esquerda, praguejava contra o seu destino; e o meu visinho da direita, sujeito de grandes barbas, sahia do beliche em menores para lhe ter mão da testa. Esta caridade absolve a inconveniencia da mistura.

Dos passageiros nenhum fallava inglez, e o criado da camara, que tambem era fogueiro, attenta a negrura encarvoada da camisa e cara, quando lhe pediam chá, café, ou um caldo de gallinha, dava sempre agua por um canudo de lata.

Carlota exclamava:

— Eu morro!

— Tenha paciencia, menina! — acudia o homem das barbas — Não ha de morrer, querendo os deuses.

Devia de ser pagão o monstro!

— Eu morro! — rebramia ella — Quero confessar-me!...

— Não peça a confissão a estes brutos — observava-lhe o meu visinho — que além de não terem Deus nenhum, se a menina lhes pede um padre, trazem-lhe agua na lata surrada.

Havia muito mar quando se avistou a barra do Porto; e por isso arribamos á Galliza.

A nossa Carlota, assim que pôz os quatro pés e os dois estomagos na hospedaria de Vigo, engordou outra vez. O pagão não sahia da beira d'ella. No dia seguinte abalou a caravana para Tuy, por uns caminhos que Deus e a civilisação já fizeram desapparecer da face do globo. Ao outro dia passamos a Valença; depois a Ponte do Lima, e de lá a Braga, em romagem ao Bom Jesus. Seria sucia de vinte romeiros, que deviam, cumprido o voto, separarem-se para suas terras e destinos.

Ahi está dada a razão da minha ida ao Bom Jesus em 1835.

Agora contarei umas miudezas que me cahem a proposito.

Na comitiva ia um brazileiro, natural de Barrosas, pessoa de sisuda compostura. Vinha ver a familia, de quem se havia separado trinta annos antes. Tractava-me com ar compadecido, e a minha irman com respeitoso affecto. Via-nos de lucto carregado, e isto entristecia-o. Disse elle a Carlota que fossemos por Barrosas, que pouco torciamos da estrada de Villa Real, e pernoitassemos em casa d'elle. O homem das barbas, tenente coronel enviado a commandar um regimento em Traz-os-Montes, foi tam-

bem convidado, ou convidou-se elle, não sei bem como foi. A minha criada é que sabia.

A curta distancia de Barrosas disse o brazileiro:

— Eu quero entrar desconhecido em minha casa, e descobrir-me passadas horas. Peço-lhes que não digam palavra que me denuncie.

Assim se fez. O brazileiro apeou á porta d'uma casa bem assombrada, cujo dono, se bem me lembro, tinha loja de capella. Annunciou-se como particular amigo de seu irmão, e acceitou promptamente para si e para nós a hospedagem offerecida.

Desde a chegada até horas de ceia conversaram ácerca do brazileiro ausente. A familia era um irmão, cinco irmans, e mãe, que veio á sala n'uma cadeira de rodas, onde estava entrevada. A velhinha chorava, e dizia que Deus a levaria sem ella ver o seu filho.

Fomos para a ceia; e a velha, acostumada a cear no seu quarto, despediu-se do hospede.

Segundo o uso, o primeiro prato que se fez foi o da entrevada. O dono da casa, para não alterar este filial respeito, impetrou venia dos hospedes. O nosso companheiro pediu licença para ser elle o portador da ceia á mãe do seu amigo. As mulheres riram da ideia, e foram arranjar o quarto, e ageitar

a mãe para receber a visita. O sujeito das barbas requereu, ou mandou militarmente que fossemos todos testemunhas d'aquella boa acção. Ergueu-se a gente toda, e foi depós o brazileiro. Chegou elle á entrada do quarto, e disse:

— Minha mãe dá licença que o seu filho Antonio lhe sirva hoje a ceia?

A estupefacção foi sacudida por um brado do tenente coronel.

— Viva a ventura! — exclamou elle — Aqui está seu filho, boa velha! Abrace-o, e morra aqui tudo de prazer!

Aquelle quarto era um chafariz com boa duzia de bicas! Chorava toda a gente!

Não me lembro de mais nada, senão que adormeci á mesa, porque todo aquelle gentio ficou a comer até á madrugada.

Ao outro dia sahimos ao nosso destino.

Mezes depois o brazileiro foi a Villa Real consultar o coração de minha irman, e pedil-a em casamento a minha tia. Não sei quem contrariou este enlace. Tenho a lastimar-me de não possuir um cunhado brazileiro, se mal que o bom Antonio de Barrosas, segundo me informaram annos depois, morreu ainda antes da velhinha entrevecida.

Agora direi duas palavras respeito á senhora Carlota Joaquina da Silva.

Não se deu com os ares de Villa Real, posto que o seu envoltorio adiposo devesse de ser impenetravel ao vento glacial do Marão. Tornou para Lisboa.

Dois annos passados fui eu dar a Lisboa com um par de piugas e duas camisas atadas n'um lenço. A minha vida curiosa data de longe!

Pedi ao conselho de familia que me vestisse, e o conselho de familia, em reunião de 10 de Julho de 1837, deliberou que me vestissem n'um algibebe, e me reinviassem para qualquer parte... Mas a historia é da senhora Carlota Joaquina, e não minha.

Vestido geitosamente, lembrou-me procurar Carlota, a minha criada seis annos, que tantas saudades me fizera para além das montanhas. Como havia de eu achal-a em Lisboa?

Fui ter com uma familia, na companhia da qual estiveramos depois da morte de meu pae, e tirei inculcas com tanta felicidade, que fui d'alli á rua da Conceição, onde ella morava.

A primeira pessoa que vi, na sala para onde me conduziu uma criada, foi o homem das barbas, que sostinha a testa de Carlota a bordo do *Jorge IV*. Festejou-me, e levou-me lá dentro, onde me sahiu

muito mais redonda e escarlate a creatura. Deram-me bolos, e recados para a familia.

Dez annos depois voltei a Lisboa. Esquadrinhei novamente a morada de Carlota: disseram-me que morava desde 1844 no cemiterio dos prazeres, para onde fôra já viuva do general * * *, que era ainda o homem das barbas.

Acabou dignamente a jovial Carlota, que meu pae mandara buscar ao cardenho d'uns pescadores de Cezimbra! Não morreu viscondessa, porque o general rejeitara a graça para não pagar os emolumentos.

Eu não sei bem quantos criados meu pae teve, que estão hoje titulares.

1850.

I

Ai! a Braga de 1850!... Que transversão de viver, de costumes, de geitos e feitios, em quatorze annos!... Quando alli me vejo agora cuido que dormi o somno de Epimenides, um somno de tres quartos de seculo; e de tudo que deixei, ao adormecer, nada encontrei ao acordar, excepto os sinos e os capotes!

Faz tristeza isto!

As salas de algumas familias davam ás noites de inverno uma ligeireza tal, que o repontar da madrugada vinha sempre aborrecido. As familias Brandões, Costas Vilhenas, e Gomes recebiam todas as noites, sem se alternarem, a sociedade selecta. As damas tinham graça palaciana, espirito, donaire, toilettes a primor das modas, um ar de Lisboa, da Lis-

boa mais polida e de mais fina raça. Os cavalheiros póde ser que, menos arraiados e «damos» — como diria D. Francisco Manoel — estivessem melhor; mas, perdoada a demasia da galanice, eram moços para se estremarem na mais policiada sociedade: laivos de provincianismo absoluta e redondamente nenhuns!

E, mais que tudo, a lhaneza do tacto, o familiar e confiado acolhimento, o nenhum refolho nem cautela com que a porta da sala se franqueava por egual ao amigo de annos, e ao apresentado de hontem! O forasteiro edulçorava as saudades de familia, se a tinha, na cortezia despretenciosa e acareadora com que senhoras e homens, á porfia, lhe amenisavam as estranhezas d'uma terra, á primeira vista, desconfortavel para quem se não dispende todo em santimonias, resas de porta da rua, e clamores de egrejas.

Em Braga, n'aquelle tempo, entre os sujeitos de nascimento illustre e dotes de alta intelligencia primava D. João de Azevedo, poeta e prosador, jornalista, romancista e dramaturgo. Eu tinha-o visto no Porto, hospedado em casa de Rodrigo Nogueira Soares, embrulhado na coberta da cama, de cocoras entre os cobertores, ás duas horas da tarde, fallando das delicias bucolicas d'uma madrugada. D. João

adivinhava admiravelmente a formosura d'uma aurora de Julho, que elle nunca tinha visto. As suas alvoradas não lh'as annunciava o regorgeio dos passarinhos: era o tilintar dos talheres na mesa de jantar.

Desmentia elle triumphantemente os que dizem que as cabeças dos dorminhocos, cerradas de vapores, carecem da lucidez da ideia e fluencia da palavra. D. João d'Azevedo, com as palpebras ainda quebradas do langor do somno, e a preguiça a estirar-lhe a inercia dos musculos, encadeava phrases com summa elegancia, elegancia de ironia, de satyra, descaridosa com as fragilidades humanas; mas, de fóra parte a maledicencia, perdoavel a ouvidos de rapazes, que lhe desculpavam os seus bons quarenta annos, era seductor!

Quando ouvi o author do *Sceptico*, o discursador do admiravel prologo d'este livro, cuidei que encontrara o romancista no homem de romance. Toda a gente, authora de novellas, que eu conhecia, era o invéz do que devia esperar-se do inventor ou analysador de tal paixão ou tal personagem. Citarei dois exemplos: o author de *Eurico*, rosto severo e de bronze, onde nunca flammejou áscua de paixão amoravel, que eu saiba, ou que o saiba o mundo. O au-

thor da *Mocidade de D. João V*, d'este poema de amores, serie de anacreonticas insartadas umas n'outras; quem o dirá? Não me consta que a inspiração o tenha visitado tres minutos ao lado d'essas mulheres, que, se lhes dá para ahi, d'um lance de olhos fazem um poeta. Ahi estão dois pujantes talentos, dois preciosos thesouros de vocabularios, que só se abrem com a chave de ouro da ficção, e, ante a realidade da vida, se fecham e retrahem como as conchas com as perolas.

Ora D. João vivia ou queria viver como os personagens dos seus romances, se elles fossem scepticos, inimigos da humanidade que lhes desluziu as illusões, depredadores d'algum resto de virtude que ainda por ahi houvesse n'este globo.

O mundo estava mal arranjado para homens assim. O author do *Misanthropo* devia irremediavel achar-se atravancado de impêços, e asphyxiar no ambiente empestado da sua phantasia. Assim foi. Porém era forçoso estimar o talento de D. João, e acreditar nas suas utopias. O paradoxo engraçado ou eloquente, se o coração o acolhe sympathicamente, vai-lhe mais ao amago que a mais sisuda maxima de Larochefoucauld ou Basto. D'estes paradoxos, embriagadores de espiritos verdes, era o author do

Conde João um illuminado. Eu, n'aquelle tempo, antes me queria com os doidos illuminados, se me dessem a optar entre elles e os sensatos tenebrosos.

Achei-me com D. João d'Azevedo logo que fui a Braga, depois do nosso primeiro encontro em casa de Nogueira Soares, o alegre e estudioso mancebo d'aquelle tempo, que se inscreveu no padrão dos contemporaneos illustres, e fechou hontem os olhos ao facho da gloria, quando lhe ella mais allumiava a breve carreira para explendidos futuros.

Foi no «Senhor do Monte» que eu ouvi o primeiro discurso de D. João d'Azevedo ácerca do espiritualismo, das tendencias litterarias do mundo, do mesquinho alcance das lettras patrias, da gangrena do coração humano, e, em remate, das senhoras de Braga. Depois escrevemos cada um sua poesia na parede da capella da Ascensão do Christo, no Terreiro dos Evangelistas. A poesia de D. João era um *Adeus á esperança*. A minha era a *Harpa do Sceptico*. Como eu pude, n'aquelle local, circumvagando os olhos por aquella terra e ceo além, escrever esta coisa entre outras muitas peores:

. . . . . .
A morte vejo-a de perto,
O sepulcro aberto está.

Além da campa o que é certo
Ninguem o diz, nem dirá.
É cruel esta incerteza;
Mas eu morro na firmeza
De que tudo acaba alli.
Já puz na campa o ouvido,
E ao cadaver corrompido
Nem um gemido lhe ouvi.
. . . . . .

Quando subscrevi o aranzel de injurias á minha consciencia, e aggravos ao Creador, que misericordiosamente m'os desprezou, D. João disse-me:

— A mesa da confraria, em lhe constando que está isso ahi escripto, manda lavar a parede.

E mandou com summa razão. Dias depois, tanto a minha impia e incorrecta poesia, como outras mais orthodoxas e engenhosas foram tragadas pela mesma esponja. Uma, que merecia ser poupada na lavagem, era aquella tão repetida e parodiada então, que começava:

Se eu fóra das noites o astro brilhante,
Em teus lindos olhos quizera luzir;
Teus negros cabellos no ar desprendera,
Se eu fóra....

Se eu fóra não sei quê.

Desconfio que era de João de Lemos a poesia anonyma. Os jornaes multiplicaram-na de cabo a

cabo de Portugal. Consta-me que as damas, lidas e amantes de versos, se empenharam em desvelar o segredo do anonymo. Sahiram tantos progenitores á loira e amoravel poesia, que a final toda a gente a tinha feito, salvo a mesa da confraria, a menos que o irmão author, em castigo de sua vaidade, não imitasse do poeta de Mantua o desprezo aniquilador de suas obras. Não vingou a traça: toda a gente de ha quinze annos sabe os versos, excepto eu.

Subindo da poesia a mais remontado assumpto, fallarei dos lautos jantares que então se comiam na *casa da mesa*, jantares por contribuição de setecentos e vinte reis por cabeça, ou estomago, mais propriamente fallando. Algumas duzias de cavalheiros bracharenses usavam d'aquelle fortalecente prefacio á noitada do jogo de monte, em que o ouro girava profusamente. Vi alli perder avultadas quantias um rico proprietario, que morreu pobre: o barão de S. Martinho. Estas quantias, em abono dos meus creditos, declaro que não lh'as ganhei eu. As minhas operações na mesa verde sahiam-me tão limpas de consciencia como de algibeira. O que eu fazia depois era ir á alameda da *Mãe-d'agua* cavar o melhor oiro de saudade e poesia, ou esfriar os calores do sangue na *Fonte das lagrimas*. Desafogo innocente

e exemplar, desforra sublime de quem perde uma pouca de lama cunhada de reaes effigies, e legendas sacrilegas, principalmente as dos cruzados d'aquelle tempo.

D. João d'Azevedo emparelhava comigo na sorte; mas preferia desafogar-se a dormir. Dizia elle que a propria natureza d'arvores e fontes se esquivava a dar enlevos ao homem sem dinheiro. Isto agora parece-me que é verdade. Ha quartoze annos qualquer regatinho murmuroso era para mim uma onda aurifera do Pactolo. Bem me dizia elle, o previsto D. João:

— Tu cá virás. Em te apodrecendo a casquinha do vistoso fructo, verás as cinzas que estão dentro.

E vinha logo uma these rabelliana, lardeada de chascos ao mundo, e dogmas que encerravam em si a corrupção de tres Babilonias.

Saltavam, não obstante, as incongruencias do caracter d'este homem. O descrido mofador do idealismo na melhor paixão — na paixão por excellencia do espirito humano — amava soffrego, amava em phrenesis, comia-se de odio e ciume, ia de rosto fito affrontar-se com as conveniencias mais inviolaveis do pacto social. Coração ou cabeça? Não sei decidir. Inclino-me, porém, ao coração, derrancado pela fu-

nesta cabeça que Deus lhe enchera de bom talento, e os desvios da mocidade empeçonharam. Vejam este exemplo:

D. João amava uma mulher rebelde. Imprimiu um livro de cincoenta paginas desairosas para a senhora impassivel. Tirou um exemplar unico, e mandou desfazer as fôrmas. Mandou-lh'o a ella; e dessedentou assim a sua sêde d'amor! Ganhou, com o feito, o rancor da mulher, que lhe custou lagrimas das que se choram aos vinte annos! Era, pois, o coração que chorava: não podia ser a cabeça.

Todos os calculos lhe sahiam invezados; tropeçava no caminho chão para toda a gente; de principios communs e infalliveis na logica trivial inferia disparates; passadiços que os outros venciam com passo firme eram para elle abysmos em que se lhe quebravam as pernas. Isto era um mal da cabeça: não podia ser do coração.

Era bello ouvil-o recopilar as suas irrisorias desventuras e derrotas. Elle mesmo se punha em alvo dos tiros que lhe revertiam ao peito, chanceando-se e dando-se como exemplo de doidos sublimes, para quem unicamente o Dante designou paragem n'um recanto do paraizo, na região tristissima dos suicidas.

D. João d'Azevedo deixou Braga em 1851, e foi para Lisboa no sequito do marechal regenerador. Alistou-se nos defensores da reforma... de homens, como quem tinha escripto *Costa Cabral em relevo*, objurgatoria fulminante digna de mais corpulento Verres. Escreveu com varia fortuna em dialectica jornalistica; mas sempre desfortunado em proventos d'ella. Enfuriou-se contra as barreiras ferreas do seu destino, e partiu n'ellas o craneo.

D. João morreu de uma sobreexcitação moral. Foi uma onda de sangue que lhe afogou, a final, o herpe devorador d'aquelle magnifico cerebro.

Não havia lençol em que amortalhar D. João de Azevedo, cuja familia estava em Braga.

Tenho aqui authographa uma carta de Rodrigo da Fonseca Magalhães, escripta, no dia do trespasse de D. João, a José Carlos de Freitas Jacome, authorisando-o a dispender, por conta d'elle, o necessario no decente enterro do seu acerrimo accusador. Rodrigo *lastima o destino d'um espirito distincto entre os bemfadados do talento*. Nas biographias de Rodrigo da Fonseca Magalhães este acto, como tantos de egual quilate, esconde-os ainda a mão caridosa e liberalissima do grande homem. Deixou elle de modo veladas as suas virtudes, que ainda agora o res-

guardo d'ellas, preceituado no Evangelho, lhe está relevando mais o brasão na lapide. Morreu mal conhecido.

Lá estão ambos barreiras a dentro da eternidade. O senhor os terá aproximado para se amarem aquelles dois sublimados espiritos, que se deveram ter abraçado n'este mar encapellado da vida.

II

Nos jantares do Bom Jesus era tambem contributario Jacintho Navarro de Andrade, do Porto. Ainda não topei quem mettesse a riso, com mais pico, a poesia de todo o mundo, e nomeadamente a poesia dos que a vão espairecer, e luxuriar pieguices, ás copas dos arvoredos do Senhor do Monte. Andava elle comigo por aquellas carvalheiras: eu a scismar e a compôr em verso e prosa as minhas saudades; elle a comer uns bolos, chamados forminhas, que se fabricam em Braga. Tinha razão o Jacintho Navarro: tambem eu hoje me deleito a comer os bolos muito mais do que a ler o *Jocelyn* de Lamartine. Os meus extasis eram communicativos. Eu lia-lhe uma estrophe do idyllio começado, ou a pagina

quinta da *Meditação XXIX;* e elle, encarando em mim por cima dos oculos, dizia:

— Isso é bonito; mas doe-me o peito só de o ouvir. Prende a musa ahi a um tronco de olmo, e, quando te fores embora, leva-a para as noites de inverno. Tracta de engarrafar saude e tonizar o estomago. Esta agua tem particulas drasticas. Bebe para comeres, e come para beberes. *Ars longa, vita brevis.*

Creio que Navarro ouvira o aforismo hypocratico a seu tio e sogro barão de Sande, medico do senhor D. Miguel de Bragança.

Navarro fôra creado nos paços de Queluz. Militara no exercito de D. Carlos de Hespanha, extincta a guerra civil de Portugal. Recolhera ao Porto, exuberante de seiva da juventude. Dera muito em que entender á moral rabugenta, e constituira-se o heroe do *Roberto Valença*, romance do senhor Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, ficção, a meu ver, desprendida de toda a verdade e verosimilhança.

Jacintho Navarro tinha comicas e admiraveis ousadias. Concorremos uma noite a uma sala de provincia. A senhora da casa, menina e moça, porém mal casada, morria d'amores por um barbado de má cara e peores acções, estupidamente fatuo da con-

quista, que amostrava á gente, saboreando-se no escandalo. Navarro, pouco espantadiço de immoralidades, fez-lhe mossa aquella.

— O marido d'esta mulher será cego?! — perguntou-me elle.

— Pergunta-lh'o — respondi eu.

— É o que eu vou fazer. Mostra-m'o — replicou, e foi em demanda do dono da casa.

Segui-o, curioso do displante.

Estava o marido da menina, sujeito de annos maduros, na saleta do fumo, conversando. Navarro cinge-se com elle a fital-o muito no rosto. O individuo pasma do reparo, e pergunta:

— Que quer o meu amigo?

— Dá-me licença?—respondeu Navarro, tomando um castiçal, e chegando-lh'o ao rosto — Desculpe a pergunta: vossa excellencia não vê bem?

— Não vejo, não senhor. Do olho esquerdo, tapando este direito, não vejo nada.

— E do direito, tapando o esquerdo? — tornou o indiscreto.

— Vejo optimamente.

— Vê?! Pois ninguem o dirá! — retorquiu Navarro.

— Porquê?

— É que vossa excellencia, examinado ao perto, parece que tem ambos os olhos cataractados.

— Pois não tenho, graças a Deus.

— Ainda bem, ainda bem — terminou, com a mais theatral seriedade, Jacintho Navarro.

E, voltado para mim, continuou:

— Diz que vê optimamente do olho direito; mas costuma fitar sómente o esquerdo na mulher. Estou satisfeito.

Andavamos um dia, em Braga, a visitar as travessas e quelhas desconhecidas.

Disse-me elle:

— Não observaste ainda que em Braga ha muito homem chamado Gaspar?

— Já dei tento d'isso — respondi. — Naturalmente foi nome que ficou em moda desde que esteve aqui um D. Gaspar, arcebispo.

— Será isso. Queres tu apostar comigo que n'este becco ha um Gaspar?

— Em oito casas duvido.

— Apostas? um charuto havano.

Pactuada a aposta, dirigiu-se elle a um sapateiro e perguntou:

— Faz favor de me dizer onde mora aqui o Gaspar dos Anjos?

— Gaspar dos Anjos! — disse o interrogado — Aqui não ha nenhum Gaspar dos Anjos.

— Pois — replicou Navarro — não mora aqui n'este becco nenhum Gaspar?!

— Moram dois — respondeu o sapateiro — Um sou eu, que me chamo Gaspar Francisco; o outro mora ahi ao fundo da rua; mas esse é Gaspar Antonio... Ora agora, dos Anjos não me consta que haja Gaspar nenhum, só se fôr ahi na travessa da sua esquerda, que ha lá dois Gaspares.

Jacintho volveu-se para mim, e disse victorioso:

— Dá cá dois charutos!

Quatorze annos depois estava eu no « hotel da Boa-Vista » no Bom Jesus. Os senhores João de Mendonça e Antonio de Carvalho, de Braga, passavam comigo um pedaço da noite. Contei-lhes este caso dos Gaspares, e vi que os moços se riam extraordinariamente. Justificava o riso, não a graça do narrador, mas a esquisita coincidencia de ser Gaspar um dos meus amigos: o senhor Antonio Gaspar de Carvalho. Desde então protestei abster-me de contar o successo a cavalheiro de Braga, sem elle me dar o seu nome por inteiro.

Jacintho Navarro de Andrade desbaratou o seu patrimonio.

Resolveu um dia ser empregado publico, e foi para Lisboa, com esposa e dois filhos, solicitar protecção da senhora infanta D. Isabel Maria, madrinha de sua mulher. Era em 1856. Surprendeu-os em Lisboa a febre amarella. A menina foi a primeira ferida do contagio. Já sem symptomas de vida, renasceu, e vive formosissima no Porto. Em seguida cahiu a mãe, e morreu. Navarro, o homem que parecia pae e esposo frivolo e impenetravel a grandes dores, quando viu a esposa cadaver, vai ao estabelecimento do Nilo, toma um banho frio, e entra em casa moribundo para expirar horas depois.

Tenho uma verdadeira saudade d'este homem. Creio que estas são as primeiras linhas que o recordam e lastimam.

D. João de Azevedo e Jacintho Navarro de Andrade, ambos agarrochados pela sociedade, lá estão bem desfeitos na leiva d'um vallado perdido no cemiterio do alto de S. João.

Estou a vêl-os, na sala de jantar dos « Dois Amigos » em Braga, dando-se conta das variedades de mulheres que tinham estudado. Navarro era o panegyrista das actrizes em geral, e de todas as crea-

turas, rainhas da creação, em particular. D. João de Azevedo dizia que a mulher innocente só no estado de feto se podia considerar tal. E eu escutava-os, pedindo ao Senhor que me preservasse de esfolhar, como elles, as grinaldas dos meus idolos.

Pobre Jacintho Navarro! quem me dera ver-te! Agora é que tu te rias!

1852.

I

É esta uma data que eu cuidava então assignalar, como se a visse esculpida no frontal d'um encantado palacio de fada, que me dissesse: «Aqui mora a felicidade infinita. Podes entrar e mandar, que a casa é tua.» — Palacio do moiro amador

da Real Branca, de Lorvão senhora,

como canta o mavioso Garrett; palacio de rubis, topazios, esmeraldas e granadas, como o phantasiam todos os tolos inoffensivos, quando apanham caso na sua vida que possam datar gloriosamente.

1852! Ponho isto como Alexandre poria *Arbeles!* — como Cezar, *Pharsalia!* — Pedro I, *Pultawa!* — e Napoleão, *Austerlitz!*

Então é que me eu senti maior que a minha es-

tatura! Debaixo de meus pés parecia-me sentir terremotos: o globo não podia com a minha gloria, e dava de si! Os astros sahiram n'aquelle dia a verem-me; e o sol era uma lanterna de furta-fogo em comparação dos systemas solares que eu tinha cá dentro!

Quando se sente isto, a gente não cabe na pelle, e estoira; e, se não estoira, tem destinos maiores da marca!

Historia de amores, meus amigos! não póde ser senão de historia de amores este exordio, accentuado pela solfa do coração, que me está pulando.

A alvorada era de Julho.

A passarinhada felicitava-me na montanha das arvores queridas.

A mulher amada era Aldonsa Lourenço.

Ó cavalleiro da triste figura, perdôa-me tu! Sublime doido, releva esta camaradagem no homónymo das mulheres amadas! Tu e eu quebramos as caras proprias e as alheias a paladinar por Aldonsas. Uma mesma tenaz ardente de poesia d'alma nos mordeu as quatro orelhas. Tu com espada e lança, e eu com uma penna de pato e uns folhetins a tantos reis por columna, cavamos a um tempo os cimentos das estatuas immorredoiras d'ellas, e as sepulturas

do nosso juizo e nome serio. Oh vencedor de odres, e leões, e moinhos, eu bem te vejo a embeber as lagrimas na tua gorra de histrião! sacode os guisos para que te não ouçam os gemidos! Põe-te de bôrco no chão aspero de Beltenebrós, escouceia, e diz á porção estupida da tua alma, diz ao teu Sancho, que vá referir a Aldonsa as finezas que fazes em honra d'ella. Escouceia, burrifica-te, meu mestre! Tira a pedaços o coração, alastra-os por esses pantanos, deixa que os cerdos t'os afocinhem. Entendeste que era impio enternecer a lagrimas quem te escutasse o tragico desastre das tuas parvoas crendices na honra e no amor, na justiça do homem e no coração da mulher. Entendeste bem, ó bravo de Lepanto! — que o chorar é balsamo; e para chagas abertas a golpes de indigencia honrosa e de patibulos immerecidos, deu o Senhor as santas lagrimas a quem o arejo do inferno as não seccou. Assim que viste desatarem-se em fumo as formosas e intangiveis visões do teu espirito, ó poeta; assim que te abriste o craneo contra as ferrolhadas portas do empyreo, onde te aláras nas azas, que o anjo da innocencia te emprestara, deixaste-te cahir, ó Cervantes, e escolheste para a queda, não já alfombras de verduras e boninas, mas atascadeiro onde te irmanasses com os epicuristas

no espojadouro. Assim o fizeste, e por isso o mundo te quer, ó fino amador de Aldonsa! Se houvesses discretiado sisudamente ácerca dos banhos de jorro que te arrefentavam os heroicos incendios da cabeça, o mundo não saberia o teu nome — que as tuas lastimas de contrito, ainda mesmo que as ungisses da mystica do Chagas, abafal-as-ia o incomportavel fastio da vulgaridade.

Escrevias, não para o teu seculo, mas para o meu, e especialmente para mim, que ainda agora dei bem no fio do teu intento. Eu andava a paraphrasear-te, ó fidalgo manchêgo, n'aquelle dia de 1852; e, se olhava em mim, observava-me com um certo acatamento legendario, semelhando-me, quanto em mim cabia, ao provedor dos defunctos de Macau, ao Bernardim da serra de Cintra, e ao soneteiro de Arezzo. De ti não me lembrei, nem, a lembrar-me, quizera comparar-me a ti, ó recuperador do elmo de Mambrino! E, a final, o que eras tu senão eu? e o que era eu senão um illustre arremêdo da tua sombra!?

Eu te abençôo, infeliz que me dás alma e paciencia que me edifica!

II

Aquella madrugada de 24 de Julho! O arrebol no oriente, as aves a psalmearem o astro que se desperta de sob as franjas encarnadas do seu leito de oiro e saphyras! E eu, no quarto lanço do «escadorio dos sentidos» com as costas voltadas irreverentemente para Salomão, e os olhos embellesados, além, no ponto de apoio em que a mão invisivel do supremo architecto assentava a alavanca rodadora da terra!...

E, por sobre todo este enlevo d'alma, ELLA — o meigo, o dulcissimo ELLA dos folhetins antigos! — o amor, esta embriaguez de essencia de rosas, o amor, que seria capaz de inventar aquella manhan, se ella não estivesse feita expressamente para mim!

Assim que o sol nascesse, Aldonsa Lourenço de-

via estar no portico do sanctuario (coisa pactuada); e eu, do cerrado da matta, silvano de bota de verniz e fraque exageradamente inglez, devia de espreital-a, divisal-a, ser entrevisto, e seguil-a recatadamente para contemplal-a outras vezes, se não morresse á primeira vista!

Ouvi o estridor da caleça. Alvorotei-me, como soldado bisonho ao ouvir o ribombo das musicas inimigas, e o estampido da artilheria, e a grita selvagem dos piquetes de avançada!

Era ella! Interrompi o hemistichio da ode começada ao sol, convidando-o a depôr como testemunha dos meus arrobos n'aquella hora. Os passarinhos adivinharam-na, e expediram os seus trilos mais dilectos. O sussurro das fontes melodiou-se mais cadencioso e suave. O cicio da ramagem, como em respiradouro de orgão abafado, abemolou-se em quasi surda bafagem, que parecia um halito de creança adormecida.

A natureza inteira a festejar Aldonsa! E eu, o rei da creação e d'ella, a lisongear-me do servilismo dos passaros, das aves e das fontes!

Emmaranhei-me na matta que entesta com a fonte de Saturno. E esperei.

D'ahi a dez minutos, calou-se de todo em todo a

natureza: é que Aldonsa ia passando e dialogando com o tio, homem chão, que lhe dizia: « Já se me abriu a vontade de comer. » E ella respondia: « Estes ares fazem isso. » A natureza e eu estavamos admirados.

Passaram; e eu, ao transpôr uma clareira da selva, consegui ser visto. Aldonsa pôz a mão no seio com tão feiticeiro requebro, e um relance esconço de olhos tão derramados, que eu, segundo a linguagem pittoresca de Sancho Pansa, senti que a amava até aos figados.

Vi-a subir o « escadorio dos cinco sentidos ». Nomenclatura fatidica n'aquelle momento! Em mim eram seis os sentidos, todos absorvidos no donaire com que ella subia os degraus! Dil-a-ieis um seraphim, subindo ao ceo pelo braço d'um apostolo de quinzena. O tio ia de quinzena, e tinha suiças apostolicas.

Vi-os entrar no *hotel da boa-vista*. Sondei, mediante as informações do criado de mesa, os latejos do coração de Aldonsa. Pude saber que pediram bifes de cebolada. Oh! como eu invejei o boi que ia ser engolido por ella, e assimilado ao sadio sangue que lhe puniciava as maçans do rosto! Soube, depois, que se estavam servindo de fiambre e ovos!

Ditosa perna suina, e bemfadadas gallinhas que alimentaes a noiva d'um sylpho! Finalmente, vi passar uma travessa de bacalhau assado. Terra e mar a desentranharem suas delicias para ella!.... para o cherubim, que fortalece o vigor de suas azas com ovos, e fiambre, e bifes, e o perrechil provocador da Noruega!

Eu tinha escripto, aos albores matinaes, esta, entre outras quadrinhas:

Nutrem-se os anjos das auras
Embalsamadas de flores;
As Beatrizes e Lauras
Vivem dos filtros d'amores.

E Aldonsa tambem!

Com tamanho estomago, onde podia ter ella o coração, a menos que, á imitação do peixe Oras, não tivesse o coração no estomago? (1)

E eu bebi dous sorvos de lympha da *Fonte das lagrimas*, e subi, caminho da *Mãe-d'agua*, para que o tio me não lobrigasse.

Cingi-me com um tronco de olmo, e vi-a sentar-se além, no banco de pedra, a folhear um livro: era o Almanak do Castilho para o anno de 1850. Lei-

(1) Sobre o peixe Oras veja *Aristoteles*, Pedag. CI.

tura retardada tres annos! O tio estirou-se, sobre a mesa, a escutal-a, e destampava umas risadas de muita consolação. Ergueram-se, abrindo ambos a boca, repleta de somno, e foram para a estalagem.

E eu fiquei a entalhar *Aldonsas* no cortix dos robles, e a escrever anagrammas nas paredes das capellas.

Depois fui almoçar uma laranja e uma chavena de café de feijões. Perguntei por Aldonsa ás brisas e ao criado dos quartos. O criado, menos discreto que as brisas silenciosas, disse-me que a menina estava dormindo. Pé ante pé, collei a orelha á fechadura, e ouvi um ressonar cavernoso de digestão pesada.

Era a rola do valle, que dormia o somno innocente do menino acalentado nos braços de sua mãe. Estavam-na embalando os archanjos!

Dorme, dorme, alveola dos prados! Sonha comigo, ó alma que me encerras todo em ti, como o favo do Hybla o mel das mais olorosas flores. Quando espertares, a minha imagem te desgrudará as palpebras com osculos.

Disse, e retirei-me contente da mental apostrophe, salvo *o desgrudar das palpebras*, que ainda me não tôa bem.

Cahiam os passarinhos encalmados do ardor do meio-dia, quando Aldonsa sahiu ao terreiro do hotel. Completa purpura de lagosta na face; mas lagosta cozida, declaro, para não incorrer na leviandade do lexicographo francez, que dá como escarlate aquelle marisco antes de cozido.

O pudor! — exclamei eu — o incendio do pudor!... Quem me dera vel-a pallida, pallida d'amor, e dizer-lhe como Garrett:

Que pallida estás, que linda!
Oh! quanto mais te amo ainda
Des que te fiz desbotar!

Achegou-se ella á concha da fonte para lavar as mãos, e eu debrucei-me no muro para lhe dizer qualquer coisa inspirada. Assoma o tio na porta grande, e tosse. Estremeceu ella, e eu agachei-me. O tio atravessou o terreiro, acercou-se da sobrinha, e disse, examinando a divindade do paganismo, que solta o jorro d'agua:

— Porque terá aquelle mono duas caras, não me dirás?!

— Eu sei cá, tio! — respondeu Aldonsa.

— Aquillo, a meu ver — tornou elle — quer dizer que já no tempo do bófelhas havia homens com

duas caras: havia de ser periodiqueiro aquelle figuracho que alli está.

Esta má vontade aos periodiqueiros era setta disparada contra mim.

Aldonsa engoliu a sua raiva, e disse:

— O tio tem lembranças que parecem esquecimentos!

Vingou-me o espirito d'ella!

E eu estava de cocoras, quando dei tento que elle subia os degraus que communicam o terreiro com a avenida. Quiz fugir: era tarde! Viu-me n'aquella postura meio-arabe, meio-ridicula. Voltou de golpe o rosto mal assombrado á sobrinha, e resmuneou: « Hum!... » Este *hum* não era termo numerico: era um grunhido minacissimo.

Desceu as escaleiras precipitosamente, e disse á sobrinha com desabrimento:

— Já embora!... Vamos jantar, e partir!

O meu coração empederniu-se como a cabeça do Jano da fonte!

Embrenhei-me no primeiro matagal, e extravasei a minha amargura em bulhões de lagrimas.

Duas horas depois Aldonsa descia o escadorio ao lado do tio, que palitava os dentes, e regougava gosmando:

— Nem aqui me deixa o diabo!... É a minha sombra!... quebradas tenhas tu as pernas!...

Aldonsa sentou-se a modo de quebrantada de dôr.

— Que é isso? — exclamou o tio, pegando-lhe da cabeça — Que tens?

— Estou afflicta!... — murmurou ella anciada.

— São as varas do collête?

— Não... é uma ancia!... não posso passar d'aqui.

— Pois voltemos para a estalagem, menina — volveu o tio, tirando-lhe pelo braço.

A menina ia livida de morte, como a Iphigenia para o sacrificio. O meu sangue vulcanisou-se. Custou-me a soffrear o impeto de ir ter com ella, rompendo o matagal como javali acossado pela matilha.

Tivêram mão de mim as conveniencias.

Deixei-os ir, espiando-os de socalco em socalco. Entraram no hotel. Corri a devassar das afflicções d'aquella alma amorosissima, traspassada por um tio despota, e de mais barbaro tutor.

Os criados andavam em pancas. Ia chamar-se um facultativo a Braga. Aldonsa soffria os horrores.... d'uma indigestão de frigideiras!

Puz os olhos no ceo, e disse entre mim:

— Pobre anjo! Estas compleições não digerem,

quando o amor as desconcerta! Depois das frigideiras, eu sou a causa directa da dispepsia d'aquelle stomago!

Curou-a o tartaro emetico, e um somno reparador.

Á tardinha partiram; e eu, a distancia d'um kiometro, seguia o rodar da caleça.

Perdi-os de vista em Braga; mas, d'uma penumra de candieiro do campo de Santa Anna, pude divinhar-lhe um sorriso, que me ella coava pelos idros da sua janella, no *hotel dos dois amigos*.

No dia seguinte fui-lhe no encalço para o Porto.

As cartas que lhe escrevi, no espaço dos dois seuintes mezes, se as eu désse á estampa, eram um irectorio de amantes incorporeos, espiritos estreies, oiro d'alma sem liga de fibra carnal. Eu declarei guerra ao amor sensitivo, e ella á grammatica.

Findo o qual prazo Aldonsa evolou-se como um ıcenso!

Não a vi mais na *Degolação dos innocentes*, nem ıo Circo, nem na missa dos Congregados. A casa stava fechada desde a porta da rua até á trapeira. ı angustia etherisou-me a essencia psycologica até os remontamentos de illuminado. Cuidei que ella eria sido guindada viva aos elysios como Henoch!

Escrevi a este respeito um livro de visões, o qual me levaram os rios de lagrimas, antes de entrar no prelo.

Esta escandecencia de espiritismo durou quinze dias. Aldonsa transluziu nas minhas trevas. Appareceu! Vi-lhe as côres quebradas, e o seio regorgitado de suspiros. Escrevi-lhe. Começava assim a carta:

« Ó santa do amor! que novo purgatorio te infli-
« giu o tyranno! Teu tio é tres monstros a um tem-
« po!... *etc.* »

Foi-me devolvida fechada a carta, com este recado de boca: « A menina Aldonsa casou com o tio, e pede que a não comprometta. »

Atordoado pela pancada e pelo gallicismo, não sabia se devia consolar-me lendo o *Manual de Epicteto*, se as *Prisões de Silvio Pellico*. Fechei os olhos: tirei á ventura um livro da estante, e sahiu-me o *Dom Quichote*.

Li, chorei, e consolei-me. É que eu tinha entrado no amago do atormentado coração que se desafogara nas risadas loucas, asperrimas e moralissimas d'aquelle livro.

1853.

I

N'este anno encontrei, no Bom Jesus do Monte, um cavalheiro que dois annos antes conhecera em Braga. Tinham-m'o apresentado como fidalgo de antiquissima linhagem, e valente official do exercito realista. Lustravam n'elle outras qualidades distinctas: uma conversação agradavel, illustrada razão em coisas de politica, e cortezania palaciana em alto ponto, de fóra parte a magestade da figura.

Relacionados novamente no Bom Jesus, convivemos uma noite, e tres horas do dia seguinte.

Este homem tem um romance: biographia não direi. Ha sujeitos que dariam dez volumes a um engenho meão, e seriam deficientes para seis paginas biographicas na *Revista Contemporanea*.

Escrevo o romancinho, e dedico-lh'o á sua memoria.

II

Representava entre cincoenta e cincoenta e cinco annos, sem embargo da presença airosa, agilidade juvenil, e vigorosos meneios. A intermittencias, avivava-se-lhe a luz dos olhos de seu natural quebrados debaixo das longas e sedosas palpebras. No cerrado das magnificas barbas, custoso seria entrever-lhe o sorriso; porém se, n'alguma hora, proferia expressões affectuosas e indicativas d'algum breve contentamento, adivinhava-se-lhe o riso brando, o gesto meigo, e a doçura com que o espirito mortificado d'este homem acariciava os curtos instantes em que a sua dôr o deixava distrahir-se ou esquecer-se.

Trajava de negro, não muito apontado no aceio; mas muito longe de desleixado. Os seus casacos conservavam o talhe do fardamento militar, em vir-

tude da invariavel abotoadura desde a gola até á cinta. Raras vezes o vi sem luvas de camurça, botas altas com aquelle antigo recorte no joelho, segundo a moda, sempre gentil, dos picadores da escola de Marialva, calção de droga escura apertado com botões acima do joelho; esporas de prata afiveladas, e chapeu alto de seda preta com fumo que o cintava todo.

Chamava-se elle, ou quero eu que elle se chamasse Paulo de Barros.

Em 1834 retirara de Evora-Monte, onde, com trinta annos de idade, vira instantaneamente apagar-se a brilhante estrella do seu futuro.

Paulo de Barros era tenente de cavallaria de Chaves. O pae, poucas semanas antes, perecera á frente da sua brigada nas linhas de Lisboa. Seus dois irmãos, tambem militares, tinham acabado debaixo das trincheiras do Porto. Paulo, se não tivesse mãe, pediria ao suicidio o repouso que as balas não quizeram dar-lhe nas pelejas em que elle as provocara. Tinha mãe, áquella hora ignorante do destino dos filhos e do marido. Salvou-o ella d'uma loucura, d'uma cobardia, e d'um crime.

Era a casa de Paulo no mais ridente e ajardinado da provincia do Minho.

Em breves termos descrevamos a melancolica residencia d'uma senhora sexagenaria, que, por noites de dezembro, a cada latido dos cães, fita o ouvido, cuidando que alguem chega movido pela divina providencia de mãe e esposa, a trazer-lhe novas de marido e filhos.

É um vasto quadrado de cantaria, aberto em pequenas janellas, uma só das quaes, que dizem ser a do quarto da velha fidalga, regularmente se abre á luz do dia, ou ao clarão da lua. As outras janellas hão de abrir-se quando n'aquella casa entrarem os senhores d'ella, e com elles voltar o contentamento que d'alli fugiu para sempre. Ao lado da casa está a modesta capella, que dizem ser a residencia, quasi constante, da senhora. Está do outro lado a torre dentada de ameias, a cuja sombra, pela calada da noite, nenhum camponez ousará passar, temeroso dos phantasmas que lá gemem, quando o nordeste, a sibilar no travamento das vigas, remeda a voz plangente das almas penadas.

A familia de D. Anna de Barros é a geração dos velhos creados, que já o foram de seus avós. N'esta roda de domesticos amados e amantissimos, avulta o sacerdote, ordenado a expensas d'ella, e constituido capellão da casa onde nasceu.

A numerosa parentela de fidalgos derramada por esses solares das margens do Ave e do Vizella, desde que da casa de Simães se ausentaram pae e filhos para seguirem o inevitavel destino das suas posições militares, se alguma vez visitou o melancolico retiro da esposa e mãe, sequestrada de todos os prazeres da convivencia, retirou-se desconsolado, protestando não mais encrudescer as tristezas de quem parecia mais feliz com ellas no seu ermar e chorar.

Casada aos vinte annos por paixão, no decurso de quarenta raras vezes se gozara da felicidade de esposa aquella senhora. Desde a guerra da independencia até áquelle lance final da vida de seu marido, nem ao menos pôde guardar um filho para si. As tradições de avós lh'os roubaram todos para as armas: tradições gloriosas, que valiam bem a pena do sacrificio quando no peito de todas as mães pulsava o coração das Filippas de Vilhena; tradições gloriosas, quando Anna de Barros apontando para o tecto apainellado da sua sala do brazão, mostrava a seus filhos os feitos sublimes dos homens que lhes tinham legado poucos haveres, e muita riqueza esquecida nos thesouros da historia da sua patria; tradições gloriosas, que vestiam de lucto as mães e as esposas quando o ferro inimigo lhes ceifava a vida

preciosa dos seus, e a passo egual lhes enchiam de santo orgulho o coração, devotado á felicidade da familia; mas muito mais devotado á felicidade da patria.

D'estas magnificas mulheres, empenhadas com varonil espirito em darem braços de ferro ao serviço de Deus e do rei, havemos de suppor que procederam muitas proezas, cuja escura origem a historia raras vezes desvelou, porque a mulher dos tempos heroicos, e mórmente a senhora recolhida ao seu solar, ao mesmo tempo que educava o filho na religião de seus avós, lhe ia insinuando briosamente ao coração o enthusiasmo das pugnas, o ardimento das façanhas, que faziam simultaneamente do soldado do rei, o soldado do Christo.

E D. Anna de Barros, bem que nascida e creada em tempos allumiados d'outros clarões precursores d'este facho que a um tempo incendeia o edificio do passado e tenta aclarar as rebeldes trevas do futuro, assim mesmo, no obscuro remanso da sua casa de Simães, desconhecia a fermentação que revoluteava no grande-mundo, e cuidava na melhor fé, que a sociedade, as monarchias, os heroismos, e em summa o viver de cada mãe e esposa, devia de ser o que tinha sido nas cinco gerações ascendentes, cuja me-

moria, de avós a netos, lhe estava revivendo em coração grande e entendimento curto.

Não podia ella comprehender como dois irmãos, nascidos do mesmo seio de mãe, reis ambos, ambos catholicos, e ambos filhos de Portugal, tinham podido acampar os seus arraiaes no chão da patria, hastear duas bandeiras inimigas, cruzarem o ferro entre peitos portuguezes, e arcarem-se, com rancor desnaturado, até que um dos dois cahisse em terra empapada do sangue de milhares de portuguezes!

Quando o capellão, algum tanto mais instruido da politica do tempo, explicava á fidalga os direitos de D. Miguel questionados por seu irmão, a impaciente senhora, não podendo comprehender que o rei quizesse provar com as armas a sua legitimidade, immolando vidas de vassallos, cortava a questão, erguendo as mãos a Deus, e pedindo-lhe que influisse no coração dos dois contendores sentimentos benignos de paz e reconciliação.

O brigadeiro Gervasio de Barros, logo que o primeiro filho pereceu em frente do Porto, preveniu o capellão que obstasse a chegada da noticia ao conhecimento da mãe. Na morte do segundo filho vingou o mesmo cuidado. D. Anna esperava ainda os filhos um anno depois que elles tinham morrido. Cessa-

ram-lhe as cartas do marido; ella, porém, acreditou que as communicações eram interceptadas.

Acabou-se a guerra, voltavam aos lares os soldados licenciados. Nem pae nem filhos acudiam ao anceio da alvoroçada senhora; mas, ainda assim, esperava em Deus.

Vinte dias depois da convenção de Evora-Monte, D. Anna de Barros, encostada ao braço da velha ama de seu filho mais novo, sahiu de casa pela alea de seculares castanheiros, que não vira nos ultimos tres annos, e foi sentar-se no pedestal da cruz de pedra que defrontava com o caminho, raro transitado, desde que os portões d'aquella casa se haviam fechado á jubilosa hospedagem dos fidalgos commarcãos. Sentada no supedaneo da cruz, viu vir para ella um homem encanecido, rosto amarellado de fome, trajando uma farda rota, e um boné numerado. O homem estendia-lhe a mão esquerda, e movia o fragmento que lhe restava do braço direito mutilado.

D. Anna fitou-o, e disse-lhe:

— Se me não engano, a farda do regimento de meu marido, quando elle estava em Braga ha cinco annos, era parecida com a vossa!

— Não que eu — respondeu o velho soldado —

fui do regimento do senhor brigadeiro Barros, e andei na brigada d'elle até ao fim.

Levantou-se tremente a fidalga, e acercou-se do pedinte como quem receia não ouvir logo a resposta ao ancioso interrogatorio que vai fazer-lhe.

— Pois vós sois da brigada de meu marido, tendes ainda um braço, e andaes pedindo esmola?! — perguntou ella n'aquelle heroico tom que denunciava a galhardia extemporanea dos seus espiritos de portugueza antiga.

E o mutilado, abaixando os olhos, respondeu amarguradamente:

— A guerra acabou, fidalga.

— Acabou!? — exclamou ella — e meu marido não veio?

O soldado comprehendendo na pergunta a ignorancia de quem lh'a fazia, sentiu-se tranzido de angustia, e, balbuciando palavras despercebidas, dava ares de querer retirar-se.

— Não me respondeis? — redarguiu ella, livida e convulsa — Meu marido não vem?! Os meus tres filhos não voltam?!

N'este comênos chegou o padre, encarou n'ella e no soldado, comprehendeu tudo, julgou mesmo que a revelação da morte do brigadeiro estava feita, cor-

reu a tomar nos braços a senhora, que esperava, ainda offegante, a resposta do convencionado, e exclamou:

— Conforme-se com a vontade de Deus, fidalga! Tarde ou cedo havia de sabel-o!... Todas as minhas diligencias, a final, deviam ser mallogradas por este encontro casual...

D. Anna parecia não entender, e não desfitava olhos do soldado, cujas lagrimas deslisavam a quatro sobre o bigode tisnado da polvorada das batalhas.

No entanto o padre esforçava-se em tirar a lastimavel senhora d'aquelle sitio, e gesticulava ao soldado para retirar-se. O mendigo entendeu, e ia cumprir, quando a vertiginosa senhora, n'um impeto de forças extraordinarias que lhe dera a dôr, desatou-se dos braços do capellão, aferrou das lapellas da farda do soldado, e clamou:

— Não me respondeis? Onde ficou meu marido?

— Onde ficam os valentes, senhora fidalga. Morreu á frente da brigada, e por cima d'elle não passou nenhum dos seus, que onde elle chegasse, não ia mais ninguem para diante.

Ouviu-se um gemido rouco e abafado, como se o coração que o expedira se rompesse por todas as fibras.

O padre sentou-se no degrau do cruzeiro. Encostou ao braço esquerdo o rosto cadaverico da senhora. Com a mão direita apalpou-lhe a testa e o pulso. Depois ergueu os olhos para os braços da cruz, e desceu-os logo sobre a face humida da agonisante. Murmurou as palavras confortadoras, e já não ouvidas, que a religião manda dizer aos que vão d'este mundo. Comprimiu com estremecimento o cadaver da santa. Tomou-a nos braços convulsivos com sofreguidão de amor filial. Correu com ella ao longo da avenida de castanheiros, e foi depol-a sobre o seu leito.

Instantes depois, quando todos os servos oravam ajoelhados em redor do catre, o convencionado de Evora-Monte, Paulo de Barros, entrou.

III

Paulo de Barros, a referir-me este lance de sua vida, tinha os olhos enxutos, o aspeito sereno, a voz sonora, e o gestó impassivel, como só havemos de acredital-o no homem que apenas conserva a fria memoria dos desastres que lhe matavam o sentimento.

— Admiro-lhe a tranquillidade, senhor Barros — lhe disse eu.

E elle, sorrindo levemente, respondeu:

— Se me admira a tranquillidade, mais deve admirar-me n'este sorriso. Eu sou agora o que fui então. Devo dizer-lhe que, depois da capitulação, perguntei a Deus ou ao diabo: — « Que desgraça me falta agora? » — Deus teria piedade de mim, e não me respondeu; porém, nas primeiras taboas sobre

que repousei o corpo fatigado d'uma jornada de dez leguas, dormitei, e sonhei que via morta minha mãe, e que me via a mim, no decurso de annos interpostos á minha mocidade de então e á minha velhice de hoje, de braços cruzados ao pé do jazigo de meus avós, esperando que elles me abrissem os seus braços de pedra, e me escondessem ao demonio fatal da existencia de toda a minha familia.

Quiz-me parecer que estas palavras, algum tanto emphaticas e desconnexas, denunciavam um tal qual turvamento na razão d'aquelle gentil velho.

Não obstante, senhoreava-me ainda o abalo do espectaculo a que os olhos da minha alma assistiram, quando Paulo, concisa e seccamente, me contou a sua entrada na alcova de D. Anna, morta no mesmo momento em que elle avistava o portão de sua casa.

E eu redargui:

— E crê vossa excellencia sinceramente nos demonios fataes que perseguem as familias?

— Creio — respondeu elle.

E apontando-me uma mulher que passava entre o cerrado arvoredo da *Mãe-d'agua*, accrescentou:

— É o demonio fatal que vai passando!...

— Quem? — atalhei eu.

E Paulo de Barros reconcentrou-se, baixou as

longas palpebras, sorriu, levou as mãos aos enormes bigodes, retorceu-os com o ademane d'um peralvilho que se julga contemplado com interessante admiração, e murmurou:

— O poder que Deus concede ao demonio deve ser uma sublime parte do condão que tinha Lucifer antes de ser despenhado do ceo. Sabe o senhor por experiencia, ou por intuição do seu espirito, o que é e o que póde uma mulher?

Chegados a este ponto do dialogo, confesso sinceramente que duvidei do bom concerto do juizo d'este sympathico homem; mas tambem manda a verdade que eu confesse que, bem longe de estranhar n'aquelles annos a linguagem juvenil do moço com seus laivos de romanticismo desgrenhado, por mim juro que muito menos me causaria estranheza saber eu que alguma senhora, moça e formosa, opulenta e requestada, antepunha, bem perto do seu coração, aquelle velho, aquelle galhardo e marcial typo do fidalgo antigo, a quantos afeminados, repuxados e palacianos galans lhe balanceassem o thuribulo da lisonja.

Estava eu esperando que elle proseguisse, a fim de me esquivar a alguma pergunta indiscreta, quando a senhora, que ia passando, mudou de rumo, e

caminhou na direcção da parede da mata em que nos sentaramos.

A dez passos de distancia assestei a luneta, e conheci que effectivamente a senhora indigitada por Paulo de Barros era um bello demonio.

Vinha ella acompanhada de um sujeito de idade madura, o qual de prompto se fazia reconhecer e respeitar como marido da gentil dama. Tem de seu os maridos o privilegio de se fazerem conhecer sem dependencia de apresentação. Aquelle denunciava-se pela jovialidade um tanto soberba e outro tanto suspeitosa com que relanceava os olhos da esposa para nós, e de nós para ella, e d'ella para outras pessoas que ao perpassarem a iam contemplando com justificada e sincera admiração.

Era realmente formosa a esposa de Joaquim José da Silva, homem de grossa fortuna, de grosso espirito, e, pelos modos, dotado de summa bondade, e mais que tudo dos extremos carinhosos de Adrianna.

Paulo de Barros despira a luva logo que viu que se dirigiam a elle; foi cortejar Adrianna; disse as expressões communs e lisongeiras da apresentação que de mim fez ao senhor Silva, e collocou-se de modo a offerecer a sua companhia aos recem-chegados. Não me recordo nem vem ao caso o que se disse no curto

passeio; tão sómente me lembra que Adrianna conversava em termos admiravelmente correctos; e o marido, no pouquinho que disse, revelou que não entendia sua mulher. Paulo de Barros tambem me quiz parecer escassamente espirituoso ao lado d'ella, se bem que affectasse um ar grave e compostura propria dos seus annos; bem que na verdade muito avessa de sua indole remoçada pela paixão.

Não sei nem tento descrever Adrianna. É possivel que o leitor a tenha visto algumas vezes bosquejada e muito em sombra nos meus romances. N'um sei eu que ella está, não retratada, mas um pouco em esboço; e esse foi o supremo esforço que eu fiz de memoria, de intelligencia, e não sei mesmo se de coração, para descrevel-a. No romance chama-se *Rachel*, no meu espirito chama-se *chimera*, nas minhas idolatrias alguma hora se chamou *providencia*. Se o leitor tem á mão os *Annos de Prosa* vá por desfastio combinar aquelles traços confusos, e recomponha a physionomia de Rachel, ou de Adrianna, ou da mulher que a sua ambiciosa imaginação formou no mundo da ideia com o complexo de feições, dispersas na multiplicidade de muitas mulheres formosas, cada uma de sua especial formosura.

Quando nos separamos, Adrianna e o marido re-

colheram ao seu aposento do *hotel da boa-vista*, e nós voltamos á floresta da *Mãe-d'agua*.

Paulo encostou os cotovellos áquella mesa de pedra que lá está, e deteve-se largo espaço sem responder á pergunta que eu timidamente lhe fizera. Perguntara-lhe eu se elle amava aquella mulher; e, quando já não esperava resposta nem ousava repetir a pergunta, disse elle:

— Amo.

E, volvido espaço d'alguns segundos, continuou com semblante já diverso, já sereno e grave d'aquella austera e senil magestade, a que eu não duvido chamar belleza:

— Amo. Aqui me confesso, não com o rubor do pejo, que o não tenho: vergonha seria ter amado muito, ter gasto a mocidade nas paixões absorventes de todo o sentir ideal e ingenuo, para vir agora com cabellos brancos, e o coração minado das herpes do vicio, solicitar a candidez affectuosa d'uma mulher que para mim tem o valor de santa, se o martyrio da vida conjugal, dissimulado n'um sorriso violento, deve ser para a mulher de vinte annos um symptoma de predestinação. Em quanto a mim Adrianna symbolisa o supplicio de Mezencio: o vivo cingido ao morto, o coração exuberante de vida em contacto

com a pedra d'um tumulo; o anjo a desprender as azas para o espaço, e a serpe do dever social a enroscar-lhe os membros, a dilacerar-lhe as azas. Quer o senhor que eu lhe diga quando vi e como amei esta mulher!... No trajecto de vinte e cinco annos nunca os meus olhos viram senão a sombra d'uma affeição de criança, que me fez criança até ao encanecer dos cabellos. Cuidava eu que esta visão em alguma hora da vida devia erguer-se real e palpavel diante dos meus olhos. Era a Galathea d'um hallucinado que perdera na solidão a memoria do mundo positivo, e creara para si uma região de chimeras, que seriam estupidas se não fossem deploraveis. Envelheci a amar... e porque não hei de eu dizer-lhe tudo? Olhe que chorei de saudades do meu bello phantasma... N'estas dolorosas condições da minha alma adoentada e como perdida para discernir qualquer situação ridicula em que eu viesse a expôr a minha velhice, foi que eu vi Adrianna.

« Vieram dizer-me um dia que uma senhora, residente n'uma quinta visivel das minhas janellas, entrara na capella da minha casa, que em todos os dias santificados se abria ao concurso das pessoas que vinham assistir á missa. Como o padre se estivesse aparamentando, desci á capella, cortejei Adrianna,

offereci-lhe o meu braço, e conduzi-a ao lugar reservado d'onde minha mãe costumava ouvir missa, e onde nenhuma outra pessoa havia ajoelhado. Se o senhor promette não rir da lhaneza com que me confesso, puerilmente lhe direi que durante a missa entre mim e Deus esteve sempre a imagem d'aquella mulher. Ajoelhei; mas este culto era usurpado á Divindade. Não orei. O que em minha alma ia eram os delirios não experimentados na juventude, era um mixto de crer e desesperar, alguma coisa horrenda que parecia o escarnecer de mim proprio, alguma coisa celestial que me inflorava de novas primaveras, e aquecia o sangue d'um fogo juvenil que talvez me incendiasse em rubor as faces. E todavia eu era um velho; e aquella mulher que alli estava, pedindo a Deus por todos os infelizes, tinha vinte annos.

« Acabada a missa fui reconduzir Adrianna através da minha sala de visitas, onde timidamente lhe pedi que se assentasse. Accedeu, obrigando-me com affectuosas expressões de reconhecimento á urbanidade com que eu a recebera. Disse-me quem era, d'onde viera, o nome de seu marido, e offereceu-me a sua casa. Momentos depois tinha ella sahido acompanhada d'um criado de libré, e eu da minha janella

a fiquei contemplando nos momentos em que dobrava uma collina, e reapparecia n'outra ao longe, até que de todo se sumiu nos arvoredos circumpostos ao seu magnifico palacete.

« Aqui tem como eu vi e amei esta mulher.

« São passados tres annos. »

IV

Na tarde d'esse mesmo dia Adrianna recolheu á sua quinta, e o senhor Silva foi para o Porto, onde tinha o melhor da sua fortuna empregado não sei em que ramo de commercio. N'essa mesma tarde sahiu Paulo de Barros para Simães, e eu fiquei no Senhor do Monte.

Ao outro dia estava eu recordando as expressões de Paulo de Barros, e perguntando a mim proprio se por ventura haveria ahi coração moço, poeta em plena primavera dos vinte annos, capaz de sentir tão nobre e levantado amor por aquella mulher, que talvez se envergonharia de sonhar que era amada pelo homem de cincoenta annos.

N'estas e outras cogitações, que redundavam em lastima de Paulo, estava eu preoccupado, quando avistei caminhando para mim um sujeito do Porto,

um dos mais celebrados galans da Praça-nova, optimo jogador de bilhar, freguez muito presado dos primeiros alfaiates, possuidor da mais fina luva e do mais brilhante polimento, que ainda distinguiu alfenim da Praça-nova.

— Que fazes tu aqui? — me disse elle.

— E tu que vens cá fazer? — respondi eu.

— Conheces a Adrianna Silva?

— Fui-lhe hontem apresentado.

— Sabes se ella ainda aqui está? — acudiu elle.

— Não: foi hontem para a quinta.

— Que desapontamento! que embaçadella!

Antes que eu perguntasse o que havia de commum entre elle e Adrianna, Frederico, affectando desdem pela mulher que lhe promettera um encontro n'aquelle local, principiou a contar-me, pedindo segredo á minha palavra de cavalheiro, uma historia que elle tinha contado a toda a gente. Pelos modos Adrianna era uma martyr que elle quizera salvar, sacrificando-lhe para isso umas quatro martyres que elle andava salvando.

Observou-me elle, e até me pediu encarecidamente que o não julgasse apaixonado, nem mesmo disposto a voltar segunda vez a Braga por causa d'ella.

E como eu o interrompesse, pondo em duvida o martyrio de Adrianna, e bem assim a precisão que ella tinha de ser salva pelo amor d'elle, Frederico, mordido no seu orgulho, desafogou aviltando a esposa do senhor Silva em termos injuriosos á sua honra, e protestando vingar-se, açulando-lhe os mastins da diffamação, dos quaes, n'aquella época, os botequins do Porto eram jaulas horrendissimas. É de saber que estes mastins, no decurso de dez annos, cahiram em si, conciliaram-se com a desmoralisação necessaria da humanidade, e fizeram-se bons homens em todo o sentido.

Frederico relatou-me diffusamente o seu antiquissimo amor de tres semanas á consorte de Joaquim José da Silva, justificando o reprehensivel galanteio com o facto de a ter cortejado em solteira, posto que ella, negaceada e negociada pela colossal fortuna de um homem callôso, ventrudo, e vêsgo, lhe voltara as costas com ignobil desplante, a elle!

Quiz eu induzir d'esta narrativa que o meu nobre amigo seria mais nobre ainda desprezando a mulher que se vendera chancellando com um sacramento a legalisação da sua deshonestidade.

— E a minha vingança! — exclamou Frederico

Carteamo-nos alguns mezes.

Na ultima carta d'elle vinha esta pergunta em *Post-scriptum:*

« Que escandalo foi esse com A.? »

Tive de responder-lhe assim:

« Adrianna foi encontrada pelo marido em dia-
« logo suspeito e nocturno com um tal Frederico
« Arthur. É natural que o pobre Joaquim José da
« Silva se calasse; porém, como o indecente fez praça
« da sua conquista, o escandalo estalou. Adrianna
« está com a familia. »

Decorridos alguns poucos mezes, li no jornal da cidade proxima a noticia da morte de.... Paulo de Barros. Morra com o nome que eu lhe dei na vida curta d'este.... romance. Passe como romance, já que eu tive o insensato escrupulo de ir perturbar a quarta época de felicidade conjugal do senhor Silva e da senhora D. Adrianna.

É a quarta época depois do quarto encontro com Fredericos, Alfredos e Ernestos: todos nomes bonitos, que a desculpam. A meu ver, o marido é atraiçoado, porque se chama simples e sinceramente Joaquim.

Quando li a nova do trespasse do meu amigo, fui em espirito ao Bom Jesus do Monte, e vi e ouvi

aquelles dois homens no mesmo dia: Paulo de Barros, o coração cheio de honrado e inoffensivo amor; e Frederico Arthur, que detrahia a mulher, porque a tinha amado, e a perseguia para deshonral-a por vingança.

Que fará Deus d'estes dois homens, ambos creaturas suas?

1854.

I

N'um outro livro, escrevendo de José Augusto Pinto de Magalhães (1), fallava eu das cartas que possuia d'elle, e a proposito me acudiram estas magoadas e affectuosas palavras de *De Maistre: Ah! comme mon cœur est plein! comme il jouit tristement lorsque mes yeux parcourent les lignes tracées par un être qui n'existe plus! Voilà ces caractères, c'est son cœur qui conduisait sa main, c'est à moi qu'il écrivait cette lettre, et cette lettre est tout ce qui me reste de lui!* (2)

Tenho aqui as cartas de José Augusto. Através de tantas borrascas, nem vaga nem refega de vento m'as levou. Memorias preciosas de minha mocidade, cartas que me seriam estimulo hoje a prantos conso-

(1) Duas horas de leitura. *Impressão indelevel.*
(2) *Voyage autour de ma chambre.*

ladores, tudo rasguei, tudo deixei ir na caudal da torrente suja onde me immergi, tudo, menos as cartas do meu amigo, do mais infeliz homem que ainda conheci! Agora, ólho para este papel amarellado, para estes caracteres desmaiados, para a orla da folha em que penso ver o signal dos dedos que a voltaram... Que tristeza! que pregão do outro mundo me estremece e confrange!

Aqui está a que elle me escreveu do Bom Jesus em 4 de Abril de 1854:

« Meu C.

« Não posso desprender-me d'estas florestas sem « dizer-te a verdade que tu já sentiste: isto é admi- « ravel! esta natureza é santa! estas arvores, sem o « auxilio das capellas, infundem piedade, e ensinam « a orar. Se não fosse a mão clerical, e a architectura « beata, Cintra seria um arremêdo d'esta região de « aves e poetas. Lá está o burguez edificando case- « bres caiados sobre o torrão em que demoliram a « machado os palacios de folhagem. Maldito di- « nheiro, que põe a natureza á mercê da ignorancia « despotica!.....

« É a terceira vez que venho aqui. Só agora po- « dia avaliar estas bellezas. Aqui requer-se coração

« tranquillo, e espirito olvidado das salas e das pra-
« ças. Porque não vens?

« No fim d'esta semana hei de chegar á quinta
« do Lodeiro. Se não vens, até lá.

« Teu amigo

« *José Augusto.* »

Fui ao Bom Jesus. Eram dias de Abril, não tepidos, mas serenos. Vinham de acordar as aves da sua lethargia hybernal, e sacudiam as azas degeladas nas frondes mais soalheiras da mata. As veigas, ribeiras, e campinas, vistas do alto, desde as abas da serra da Abbadia até á ribeira d'Este, umas alvejavam colmadas de fructeiras em flor, outras reverdeciam e tremulavam baloiçadas pela viração.

Achei José Augusto, e sua esposa Fanny Owen no passeio da *Mãe-d'agua*. Fanny estava sentada no socalco da cêrca do sanctuario, lendo Byron. José Augusto, encostado á mesa de pedra, contigua ao reservatorio d'agua, tinha aberta ante si uma carteira de grande formato, chamada *Remembar*, em que usava traçar a passagem das suas commoções melancolicas, raro intermiadas de pensamentos alegres.

Um leitor pergunta-me quem eram Fanny Owen e José Augusto Pinto de Magalhães.

Outro, lendo estes nomes, recorda um caso infausto, mas negro, negro todo elle da negridão do mysterio, sellado por duas sepulturas, uma no cemiterio da Lapa, no Porto, outra no Alto de S. João, em Lisboa.

Á pergunta do primeiro responderei nas paginas que ahi vem, escriptas com a verdade de uma consciencia aberta diante dos homens e diante de Deus.

Ás duvidas dos bons, e ás calumnias dos maus que decifraram horrores no silencio das duas sepulturas, a esses esclarece agora o homem que mais viveu na intimidade das duas almas.

É tempo: são passados nove annos.

Se pezasse uma infamia, ou ainda um grande desatino, na lapide d'essas cinzas, calar-me-ia á semelhança do mundo que a esqueceu, depois que a inventou.

O meu nome serviu á calumnia, quando se requeria um terceiro personagem para o romance architectado com sangue e lôdo.

Eu deixei passar a detracção senhoril, e o vozear da gentalha ajoujada á carroça, esmagadora de mais generosos peitos, e mais sagrado jus que o meu á estima dos detrahidores.

Agora é tempo.

Poderia differir para mais tarde, se eu contasse com a vida. Obedeço ao presagio que m'a está abalisando por pouco e para pouco. Da região escura vem bater-me na fronte uma aragem fria. Temo que se faça inverno e noite álgida em minha alma. Estes derradeiros calores de espirito devo-os á divida de coração e de honra.

II

José Augusto era um moço de temperamento funesto para si, e funesto para as pessoas que, mais ou menos, se alliassem com sua alma, por liames de amor, ou ainda de simples estima. Ha indoles assim fadadas: o segredo d'isto pertence á sciencia dos anjos, e póde ser tambem que á sciencia dos demonios. Eu vejo, no Fausto, desnudados mysterios do coração e da vida, que Santo Agostinho, nas suas «Confissões» não esclarece. Por onde se me offerece cuidar que o Senhor Omnipotente, expatriando Lucifer para perpetuo desterro, tirou-lhe a gloria dos seraphins; mas deixou-lhe a sciencia, alavanca formidavel para abalar o ceo!

Não tinha pae nem mãe, José Augusto, aos vinte e dois annos. Principiava o curso universitario, quando ficou senhor de bens de fortuna superabun-

dantes ás regalias ociosas d'um rapaz. Conheci-o, em Coimbra, estudando preparatorios; no Porto conheci-o esquecido da sciencia, e atarefado na faina dos bailes do inverno de 1849. Fomos juntos para Lisboa, e lá o perdi da vista entre as nuvens da brilhante poeira dos salões. O provinciano de Santa Cruz do Douro sahira do Porto amando uma formosa dama que eu hontem encontrei velha, e voltou de Lisboa amando outra dama formosa, que eu, ha seis annos, vi entrar no cemiterio dos Prazeres, n'um explendido coche funeral. Creio que elle amou outras muitas que envelheceram e morreram, sem sombra de responsabilidade para a sua alma.

Em 1850, a meia legua do Porto, caminho de Ovar, vimos duas senhoras de impressiva belleza na janella de uma graciosa casa campestre. O local chamava-se o *Paraizo*: bastariam os dois anjos a darlhe o nome balsamico de poesia, de ceo, e amor. Eram as senhoras Owens, filhas d'um coronel inglez ao serviço de Portugal desde a guerra da independencia. A mãe d'estas meninas, esposa do coronel, pertencia a uma distincta familia do Porto.

José Augusto embellezou-se na discreta contemplação das duas senhoras: quando já as não via, restava-lhe o interior altar da saudade para a adoração.

de D. Maria Rita. José Augusto não tinha visto um quadro assim de felicidade, ou, quando menos, de poesia de familia.

Perguntei-lhe, volvidos dias, qual amava. Respondeu:

— Pude discriminar as duas almas. Fanny é triste como o anjo saudoso do ceo. Maria é o anjo embevecido nas alegrias da terra. Amaria Fanny, se ella baixasse os olhos da patria por que suspira, e me visse. Amo Maria, por que os nossos olhos se encontraram na mesma estrella.

Pouco destoava d'este dizer a linguagem usual de José Augusto, se versava em coisas da alçada do coração.

Vivi uns mezes distanciado do meu amigo. A minha ideia permanente era Deus então: estudava theologia para comprehendêl-o, como se a theologia não fosse o methodo mais facil de o desconhecer. Na primavera de 1851 fechei os livros e fui ler as paginas do livro authentico da mão do Senhor. Fui para o campo. Mobilei uma casinha voltada ao mar, na visinhança de José Augusto.

Fui apresentado ás senhoras Owens. A religiosidade, innocencia e doçura d'aquelle viver, tomei-as como graça divina e allumiadora da vereda por onde

eu traçara o ir-me encontrar com as ingenuas provas d'uma providencia intelligivel ao homem. Escrevi e publiquei uma poesia dedicada a Fanny Owen. Transcrevo-a: verdade, coração e consciencia, tudo me está dictando esta narrativa. Transcrevo-a, não que a poesia o valha; mas por ser ella a metrificação, embora insulsa, dos meus dialogos com Fanny.

Bem vejo a geração nova, que passa,
N'um vágado fremir.
A louca ri de si, ri da desgraça,
E morre, ebria, a sorrir.

É-lhe a vida uma orgia: folga hoje,
'Manhan mais folgará.
Ao gosto de hoje o dia não lhe foge;
Que importa o que virá?!

E a terra, e a noite, e o mar dizem-me á alma
O segredo dos ceos.
A flor d'urze rasteira, e altiva palma
São a historia de Deus.

*

Tremente de respeito, em pé, na fraga
Que a onda espadanou,
Eu vi rugir, rolar, quebrar-se a vaga
Onde Deus lhe marcou.

Mais dentro, no alto mar, rangem os braços
Do convulso baixel.
Contorce-se... lá vai dar-se em pedaços
Ás fauces do parcel!

Meu Deus! quem diz ao mar enfurecido
Que venha aqui espraiar?
Quem é que deu ao pego enraivecido
Abysmos de matar!

. . . . . .
. . . . . .

*

Vejo em volta de mim raiar o goso
Dos filhos do prazer.
E eu, forçado e triste, e sem repouso,
Vivo alli, sem viver.

Sempre o anjo da dor! sempre comigo
O meu anjo fiel!
Intransitivo calix! dá-m'o, amigo,
O meu calix de fel!...

. . . . . .
. . . . . .

Se eu sorrira, tão moço, como tantos
Que vos fogem, Senhor,
Gosara-me dos mil doces encantos
Dourados pelo amor.

Não sei; que essa alegria, que fulgura
Tanto em volta de mim,
Tenho-a visto raiar, sorrir impura,
Em labios de Caim.

Ao impio ouvi dizer que é venturoso:
Será? não sei se é!...
Não sei até se tem n'alma o repouso
Do justo em sua fé!

Não sei se é de remorsos o seu leito,
Nem os sonhos que tem;
Se larva hedionda lhe recalca o peito,
Repulsa-a com desdem.

. . . . . .

*

Não fallam dentro em mim dois sentimentos
Com bem distincto som?
O mal, *com seu cortejo de tormentos,*
Fará que eu seja bom?

E o bem, *que eu já sentir uma vez pude,*
Acaso é meu algoz?
Oh Christo! o prazer santo da virtude
Não me falla de vós?

*

Oh saudosa dos anjos, arraiada
De luz celestial,
Esconde a doce alma immaculada
No seio virginal!

. . . . . .

Não desças: paira d'alto em plaga infinda,
Não poises no covil...
Ai! foge á terra, e busca, ó pomba linda,
O teu perpetuo abril!

A dedicatoria d'esta poesia abriu á observação do meu espirito um orificio no animo de José Augusto. Espreitei, e vi lá dois amores. A innocente offerta d'uns versos innocentissimos annuveou-lhe o semblante. Acaso, na mesma hora d'esta suspeita, vi as *Viagens na minha terra* sobre a jardineira do meu amigo; folheei o segundo volume distrahidamente, e notei uns traços sob-postos ás seguintes linhas:

« .... E já as confundia ambas por tal modo no « meu coração, que me surprendia não saber a qual « queria mais.

« .... amava perdidamente uma d'ellas... mas « amar, amar de véras, d'alma cuidava eu, de cora- « ção ia jural-o, era a segunda... a mais gentil, mais

« nobre, mais elegante e radiosa figura de mulher « que.... »

Isto era significativo: qualquer interrogação, a tal respeito, seria indelicada. A amizade não absolve perguntas que embaraçam o espirito do amigo que interrogamos. Nem ainda com referencia ao coração, porque tambem lá se elaboram, com os elementos d'uma refinada poesia, venenos que roem, combinações d'um azedume engulhoso, que na expressão denunciam sentimentos derrancados, ou, mais propriamente, indecorosos.

Observei, prevenido.

Descobri que José Augusto era.... um desgraçado!

Que tormento! Expiava os olhares de Fanny: pedia-lhe explicação das palavras ambiguas. Ouvia-lhe breves historias, contadas a sorrir, de amores infantis. Instava pela repetição de miudezas, taes como o nome da flor que dera, a flor que recebera, o sentimento consecutivo a tal palavra, a duração da saudade, passado o incidente. Fanny respondia a tudo com a graça e confiança de irman.

Maria, porém, é quem acceitava o braço de José Augusto nos passeios sob as parreiras do quintal. Dialogavam no tom de voz que lhes aprazia. Escu-

tavam-se em suas reciprocas leituras. Maria gostava do romance mavioso, familiar, e commedido em transportes. José Augusto lia o *Eurico*, e as *Peregrinações* de *Childe-Harold*.

Fanny lia nas pétalas das suas flores, ajoelhava ao pé do canteiro a esteiar a tige da tulipa ou da anemona descahida pelo vento da madrugada. Cingia-se com o muro a entrançar os jasmins com as madresilvas, as baunilhas com os maracujás. Carpia o desbotar e fenecer do jacintho; mas alegrava-se com o fastoso desabrochar da peonia. Se a mãe ou irman lhe cortavam uma flor, Fanny escondia-se para chorar: confessava-o; mas não queria que lhe vissem as lagrimas. Eu passava á beira dos seus taboleiros floridos com respeito egual ao dos israelitas ao lado da Arca da lei. Pedia-lhe venia para aspirar o aroma d'um cravo, cruzando os braços sobre o peito, em prova da minha limpeza de mãos. Fanny sorria; mas Deus sabe que ella acceitava contente semelhante reverencia á inviolabilidade das suas açucenas. Dizia ella: — « Quem sabe tocar dignamente as flores são as borboletas. » — O meditativo Hervey foi menos sensivel ás galas da natureza. Elle fallava de flores como naturalista religioso: Fanny era, n'este seu amor, uma creança cheia de poesia.

III

Alonguei os prazos das minhas visitas ás senhoras Owens.

Fanny, em nome de sua mãe, escreveu-me, convidando-me a ir justificar o meu esquecimento de uma familia que me recebia o melhor que podiam pessoas amigas.

José Augusto viu esta carta sobre a minha commoda, releu-a, encaracolou o bigode, trincou-o, anediou-o, e disse:

— Sabes tu?...

— O que, meu José?

— Se alguem amasse Fanny... — E reteve-se.

Eu contentava-me com as reticencias; elle, porém, aggravado pelo meu silencio, passados dois minutos concluiu a phrase:

— Se alguem amasse Fanny... matava-o!

Encarei no meu amigo, e murmurei:

— Ora essa!...

— Tu não me entendeste bem! — emendou José Augusto, corrido da sua imprudencia — Eu queria dizer que matava o homem que a não amasse na intenção de honral-a e felicital-a.

— Isso mesmo é que eu entendi; todavia, o meu pasmo é justo. Parece-me extravagante o zelo homicida. A pura amizade costuma ser menos sanguinaria! — repliquei n'um tom ironico desacostumado em mim.

— Que queres dizer?! — atalhou elle, avincando a fronte.

— Que faças justiça á senhora D. Fanny. Para mim não te peço nada.

Ao abrir a manhan do proximo dia, como passasse Manoel Negrão á minha porta, caminho de Coimbra, fui com elle por esse mundo fóra. De volta de Coimbra, mudei a minha residencia para o Porto.

Raras vezes vi José Augusto no decurso de seis mezes. Ouvia contar a estranhos que estava pactuado o enlace do meu amigo com uma das meninas Owens. A indicada não era Fanny.

Uma tarde, 24 de Setembro de 1852... — Te-

nho esta data escripta no meu album: José Augusto escreveu lá então estas linhas:

Soffres muito; diz-te o rosto
Pungimentos d'agra dor.
Lá gravou mão do desgosto
Tristezas, filhas do amor. —

N'aquella tarde me disse elle:

— Fui expulso do Paraizo!

— Ó novo e melhor Adão! — exclamei — E Eva ficou?

— Foi Eva quem me despediu. Dialogo serio!

— Pois sim, dialogo serio.

José Augusto contou-me um successo vulgar de amuos e despeitos. Não fiz cabedal da historia, até ao ponto em que me elle disse, com o supremo e desdenhoso ar da verdade, n'estes casos:

— Acabou tudo! ou... principia agora o meu inferno.

— Que inferno se te annuncia? — repliquei — Vamos por partes... A mim disseram-me que tu ias casar com D. Maria.

— E d'ahi?

— É isto verdade? o teu casamento tratou-se?

— Não: a mãe perguntou-me com que intenção eu ia a sua casa; respondi-lhe que era incapaz de

entrar alli mal intencionado. Mostrou-me a senhora uma carta de seu marido, vinda de Lisboa. O coronel, avisado das minhas frequentes visitas, quer uma explicação. D. Maria Owen respondeu as minhas palavras textuaes.

— E sobre a clausula do casamento?

— Nunca se fallou, nem a filha propriamente me chamou a tal campo. As nossas ligações teriam quebrado ha muito, se ella estipulasse clausulas. Bem sabes que...

José Augusto relembrou-me um episodio de sua vida galanteadora, o qual merece chronica. Era a sua primeira paixão no Porto. A requestada era bella e rica. O meu amigo, se algum capricho da menina lhe ennublava o azul esplendido do seu empyreo interior, a nuvem disparava em chuveiro de prantos. Mostrou-me elle, uma manhan, a travesseirinha de sua cama assignalada de lagrimas, e disse-me: — « Chorei toda a noite! Esta mulher ha de matar-me! »

Uma vez, escreve-lhe a já amantissima menina, dizendo-lhe qual era o seu dote materno, e o dote presumivel por morte do pae. Após as cifras vinha um honesto convite a casamento proximo. « Vem pedir-me — dizia ella — que meu pae já está bem prevenido a teu respeito. »

José Augusto respondeu: « Quando perguntei eu a vossa excellencia o dote que tem?! Vejo que é rica: é rica de mais para as minhas ambições... Já não podemos ser felizes. Metteu-se o demonio do dinheiro entre nós, estendeu os rijos braços d'oiro, e separou-nos para sempre! »

Esta descentralisação da natureza humana eu não sei como hei de classifical-a entre a sublimidade e a doidice!

Relembrado o episodio, José Augusto proseguiu:

— Se eu tivesse pedido alguma das senhoras Owens, embora me arrependesse, havia de salvar a minha dignidade, ainda com a condição de me abollar o craneo no dia das nupcias. Retirei-me honestamente.

— O mundo não o dirá — reflecti.

— A minha consciencia é superior aos juizos do mundo: da sentença do mundo recorrerei para a consciencia das senhoras Owens.

— Bem! — concluí.

IV

Logo ao outro dia, José Augusto entrou a cavallo no meu quarto, apeou, entalou a redea livre entre um calepino e uma chronica monastica da minha livraria, e disse:

— Ahi vai o profundo, o recalcado, o reaccionario segredo da minha vida!

— Que temos?

— Amo a Fanny, amo-a desde a primeira hora em que Deus a lançou no meu caminho de gloria ou de perdição.

— Ouço-te sem espanto — acudi eu. — Agora estás desculpado do zelo homicida de ha quinze mezes.

— Nem te espanta o meu infortunio?! — tornou elle — Esta paixão que desabafo póde ter?

— O honesto. Ama-te ella?

— Forçosamente. Ninguem se apaixona assim sem a intuição de que é amado.

— Exceptuam-se d'essa regra cento e vinte casos do meu conhecimento. Vá, porém, de barato. Se te ama, se te convem, casa-te.

— Como imaginas tu que eu possa entrar na casa do Paraizo a pedil-a? — perguntou José Augusto.

— Se sahiste pela porta da honra, entra por essa mesma porta.

— A honra do coração não se afere pelo padrão commum — replicou elle. — Nenhum homem, nas minhas circumstancias, ousaria pedir uma na presença da outra que se julga abandonada, e depois se julgará trahida por sua propria irman.

— Acceito a observação — volvi eu, perplexo — Não te sei aconselhar... Se lá vaes, atiras com um facho infernal ao seio d'aquella familia!

— Inevitavelmente.

— E então?...

— Vou escrever a Fanny. A minha carta vai surprendêl-a.

José Augusto escreveu alli. A carta era longa, admiravel, sincera, vehemente, doida de paixão.

Poucos dias depois levou-me a resposta, tam-

bem admiravel de pundonor e simplicidade. Fanny dava-lhe o titulo de irmão. Promettia-lhe o seu amor no ceo, e pedia-lhe eterno silencio.

José Augusto chorava. Tres dias volvidos tinha a magreza e lividez cadaverica.

Sahi então para Vianna do Castello.

Quando volvi, passados quinze dias, José Augusto respirava os aromas d'um coração feliz. Jubilava-lhe a mocidade no rosto. A enchente de luz intima lampejava-lhe nos olhos.

Mostrou-me cartas de Fanny.

Ella amava-o, dava-se-lhe como esposa, acceitava a mal-querença do mundo, e o odio de sua irman, esperando que algum dia todos lhe perdoassem.

Pobre menina!

Ella amava-o! Amava o homem da estrella funesta! Media do ceo abaixo a profundidade do abysmo, e despenhava-se, fitando o negro da voragem como as christans do circo de Nero embellezadas na garganta espumante das feras.

Perguntei-lhe:

— Vaes pedil-a agora?

— Não: não posso. Ella confia na minha honra.

— A que vem a tua honra n'este caso?

— Fanny fugirá comigo, e será minha esposa na ıpella de minha casa, na quinta do Lodeiro.

— Um escandalo desnecessario! — atalhei eu — eio remate de um romance mal começado! Não a res de casa, que a deslustras aos teus proprios lhos.

— Isso é tolice! — redarguiu José Augusto — m que é deslustrada Fanny aos meus olhos?

— Uma hora depois da fuga o saberás. João ıcques, nas suas « Confissões » diz que vira os ho- ıens e os costumes do seu tempo. Eu vi mais que lle, porque me estou vendo a mim. José Augusto, rê por fé no apostolo da experiencia. O anjo, que ıge do seio de sua familia, deixa lá dentro as azas, fóra da porta é mulher.

— Nada de maximas! — retorquiu o meu amigo.

— Então não tenho que te dizer — volvi eu.

A serpente saltara de golpe no Eden de Villar. s tres senhoras choravam cingidas nas roscas da ıaldita! A mãe, pelas desventuras das filhas: as fi- ıas de amor e odio.

A catastrophe era já irremediavel, a parecer de ɔsé Augusto. Fanny soffria a obsessão de mãe, de

irman e parentes. Se elle a fosse pedir, negar-lh'a-iam. Se elle a desamparasse, infamar-se-ia: o mesmo seria offerecer á ira da familia o baraço de estrangulação para a indefeza senhora. Estas eram as razões allegadas por José Augusto.

Estava eu a meio-caminho do Paraizo, no logarejo da Raza, de visita a uma familia do Porto, que alli passara o estio.

Eram dez horas da noite. Chegou José Augusto, e disse-me na presença da dona da casa:

— É hoje.

— O que? — perguntei.

— A fuga.

Latejou-me o coração como em saltos de terror d'um abysmo sonhado. Levantei-me oppresso, abracei José Augusto, e disse-lhe commovido a lagrimas:

— Não te despenhes! Não seja hoje: passados dias... Espera... Reflexionemos.

— É impossivel! — tornou elle sobresaltado da minha agitação — Ella espera-me.

A dona da casa ergueu as mãos, e disse:

— Não vá! Escute o coração do seu amigo.

José Augusto fitou-me como quem interroga e pede um remedio, um pretexto sem deshonra.

Comprehendi-o, e disse-lhe:

— Sou eu que vou escrever-lhe a ella. D'aqui parte um criado com a minha carta.

Não sei o que ia escrever, nem o que escrevi nas primeiras duas linhas. José Augusto ergueu-se de subito, bateu-me no hombro, e disse:

— Não escrevas, que é tarde. *Alea jacta est.*

Ergui-me, abracei-o, e balbuciei:

— É o ultimo abraço que te dou na tua época de felicidade. Vai, que a tua juventude acabou n'este momento. D'aqui a uma hora és um dos mais desgraçados homens!

Foi. Abri uma janella, e disse-lhe:

— Salva-te, que ainda é tempo!

Cravou as esporas nos ilhaes do possante cavallo, e desappareceu no escuro da noite, a galope desapoderado.

Davam onze horas os relogios do Porto.

Á meia noite em ponto, José Augusto cingiu-se ao muro do jardim do Paraizo. Estava convencionado o local do salto. A timida menina, que estre-

mecia ao menor rumor de insecto entre a folhagem das suas flores, atravessou o quintal, marinhou o muro, dobrou-o afincando os dedos nas juntas da pedra argamassada, e resvalou aos braços de José Augusto, que a recebeu de cima do cavallo irrequieto.

O itinerario traçado era irem d'alli a Oliveira, descerem á margem esquerda do Douro, e entrarem n'um barco em que José Augusto mandara construir duas alcovas de madeira, e mobilal-as de leitos, tapêtes, e miudezas de toucador de senhora. Além do primeiro pinhal, o jockey de José Augusto sustinha á rédea um cavallo que devia conduzir Fanny ao embarcadouro.

Assim que transpozeram um corrego, visinho da casa, o cavallo rebellão, assustado pelo fremito dos vestidos de Fanny, arremessou-se em trancos e gallões por um declive pedregoso e intransitavel. O cavalleiro largou Fanny para salval-a da maior queda, e foi logo cuspido do sellim. O cavallo, resfolegando braveza, atirou-se ás cegas por entre os pinhaes: — seria desvario seguil-o.

N'este momento escondeu-se entre nuvens a lua, que havia nascido meia hora antes. José Augusto orientou-se na direcção que devia seguir, com tama-

nho desacerto que, ás quatro horas da manhan, ia caminhando para Ovar, direcção opposta. Guiado pelas peixeiras que encontrou, retrocedeu, e achou-se ao apontar o sol no logar da Sueima, no terreiro da quinta de José Corrêa de Mello, nosso commum amigo.

Aldravou ao portão da quinta, e mandou pedir ao amigo que lhe mandasse um criado a ensinar-lhe o caminho de Oliveira. José Corrêa de Mello, adivinhando o successo a que não era de todo estranho, correu ao pateo, e encontrou José Augusto a estorvar-lhe o passo, receando que elle se dirigisse a cumprimentar Fanny, que o estava esperando afastada. O meu amigo quiz evitar que a pobre menina fosse vista com os vestidos espedaçados, e quasi descalça, das asperezas do trilho por entre pinhaes. Ainda assim, José Corrêa pôde vel-a encostada ao peitoril de um tanque, fitos os olhos na queda da agua, com uma carteira na mão: eram as cartas de José Augusto.

Que tristeza tem isto! Que situações tem o infortunio a implorarem o perdão da culpa! A quantas infelizes assim perdoaria Jesus!

As cartas de José Augusto! o thesouro, as joias

raizo, metteu-se em brios de ir á valentona apossar-se da propriedade de seu amo. Para segurar o bom exito, acamaradou-se com outro bravo, armaram-se de clavinas, e foram affrontar o perigo. Mal assomaram á entrada da aldeia, alarmou-se o povo da freguezia, com o regedor a caudilhar a hoste, e foram prêsos, sem desperdicio de polvora, os dois intrepidos, amansados pelas circumstancias especiaes.

Estava eu na Raza quando ouvi o alarido da multidão que trazia os dois gallegos entre vinte clavinas, de fóra parte as fouces e enxadas temerosas.

Sahi a parlamentar com o chefe da cohorte, e dispendi-me em razões, que me iam custando o retorno d'algumas estadulhadas immerecidas.

Segui os prêsos, e arenguei em Villa Nova ao senhor Albergaria, administrador do concelho. Sua excellencia não podia sonegar a um processo os assalteadores da cavalhariça, onde estava retido, como corpo de delicto, o cavallo desastroso. Voltei novos esforços para se admittir fiança aos prêsos, e esta pude eu conseguir a despeito de poderosas contraminas.

A este tempo dizia-se no Porto que ia marchar tropa, de ambas as armas, para capturar José Au-

gusto na sua quinta do Lodeiro, a nove leguas de distancia. Sahiu aviso para José Augusto, que fez postar esculcas nos cabeços das serras convisinhas da estrada.

De repente nasce, cresce, avoluma-se e apresenta-se nas praças e botiquins uma calumnia hedionda. Dizia-se que um hespanhol, residente no Porto, possuia cartas de galanteio de Fanny Owen, escriptas no tempo em que recebia o cortejo de José Augusto. Apenas me soou a feia atoarda, fui em demanda do senhor Fuentes, indigitado possuidor das cartas. O senhor Fuentes, annuindo sem dilação ao meu pedido, entregou-me umas cartas de Fanny, as quaes se achavam em poder de sua senhora. Isto bastava á prova da innocencia d'ellas: não obstante, li-as e guardei-as para rebater a calumnia.

Em uma d'estas cartas, Fanny, conversando fraternalmente com a pessoa a quem as escrevia, lastimava-se da viuvez de sua alma, e da *desesperança de encontrar coração que a comprehendesse*. Palavras textuaes.

Estas palavras podiam magoar José Augusto: a data da carta era contemporanea d'outras cartas em que naturalmente se lia o inverso d'aquella phrase. Eu, porém, desvaliei a coincidencia, considerando

que um quarto de hora de desconfiança, de ciume, de tristeza indefinida, seria causa perdoavel do desafogo de Fanny.

Um amigo de José Augusto, seu patrono em qualquer processo criminal que se lhe instaurasse, pediu-me as cartas, que eu cedi aprazivelmente. O zelo do amigo prevaleceu á prudencia do espirito recto de M. de Mattos, e as cartas foram dar á mão de José Augusto.

Estremeci pela sorte de ambos quando tal soube. Eu tinha desvendado um recanto da alma inintelligivel do meu pobre amigo. Era um doente que, submettido á therapeutica das paixões communs, morreria sem remedio.

Corridos dois dias, recebi um convite de José Augusto para comparecer na Sueima, em casa de José Corrêa de Mello. Encontrei-o alli com alguns dos seus principaes amigos. Era assumpto do conselho saber se José Augusto, vistas as cartas de Fanny, podia desposal-a sem desdouro. Atediou-me o quesito: respondi que a pergunta me injuriava a mim, por quanto, sendo eu o solicitador e depositario das cartas, a mim cumpria, primeiro que a outrem, desviar o meu amigo d'um enlace indecoroso.

José Augusto abraçou-me com vehemente cor-

dialidade, e sahiu comigo para o Porto, d'onde partiu para a sua quinta.

Acompanhei-o até Vallongo.

Recordo-me pouco do que discorremos, caminho fóra. Umas palavras, porém, recolhi á memoria do coração, por se desatarem d'outro effervescido em muito amor e muita honra. Estas foram proferidas por elle, com os olhos a marejarem:

— Fanny é um anjo. Como irman a conheço, e comprehendo quanto affecto póde caber em alma de irman. O seu leito é o de minha mãe; mas, se é possivel, mais sagrado é agora para mim aquelle leito.

Alguns dias depois, na egreja de Santo Ildefonso, recebiam-se com procuração dos contrahentes, e as necessarias licenças e dispensações do Prelado, dois cavalheiros, José Corrêa de Mello, em nome de Fanny Owen, e Antonio de Mello de Santo Ovidio, em nome de José Augusto.

Sem embargo, as praças e as salas urravam na angustia da sua moral ultrajada!

Fanny Owen, a pura, a virgem, era prostrada no leito procustiano d'umas illustres almotacés do pudor publico, que se deram a mordomisar a honra alheia, depois que desbarataram a propria, e pendu-

raram no gancho de andrajosa adella o cinto e o amicto, mascarrados de suas devassidades.

E éu que, pela minha má estrella, não pudera ser estranho ao errado passo d'aquelles infelizes, era apontado como fautor, conselheiro e auxiliador no rapto de Fanny Owen.

VI

Eu ia jurar que José Augusto e Fanny se haviam escondido em uma região de felicidade, tão remota d'este globo, que tudo d'aqui lhes esquecera!

Seguiram-se dois mezes de silencio. Nem ao menos um « sou feliz! » me escreveu o amigo! Ao cabo dos dois mezes perguntei-lhe se o era: indiscreta e pungitiva pergunta, que eu hoje não faria a homem nenhum, ao segundo mez de casado. José Augusto não respondeu ao artigo essencial da minha carta. Disse-me que vinha para a Foz. Era isto em fins de Novembro de 1853.

Aluguei, por sua ordem, uma das mais confortaveis casas do « Passeio-alegre. »

Chegaram. Mal os vi, apertou-se-me a alma. Fanny, aquelle alvissimo rosto, levemente purpurino, era agora pallidez marmórea. José Augusto,

sem notavel mudança de aspecto, revelava no quebranto d'olhos e inercia de gesto e movimento uma atabafada amargura. Nem por sombra me dei por admirado da mudança tão inversa do que eu esperava.

Residia ainda na Foz uma senhora de nossa amizade. Fanny entrou na convivencia d'aquella senhora, com quem passava muitas horas do dia e noite.

Eu, de mim, fugia de José Augusto, temendo que me elle dissesse: — « Foste propheta! »

Um dia, sem lhe perguntar se era desgraçado, fallei do amor dos filhos, o mais duradouro, o interminavel, o amor santo, que vertia linimentos nas chagas mais cancerosas do coração; amor, em troca do qual de boa mente cedemos todas as ephemeras alegrias da juventude. N'este sentido, vinguei o intento de lhe dizer que a melancolia de marido lhe seria compensada pelos contentamentos de pae.

— *Pae!...* — atalhou José Augusto; e, passados instantes, ajuntou: — Fanny é minha irman.

Nem a maxima intimidade me deu ousio a esclarecer o muito claro ou muito escuro entendimento d'aquellas palavras. Uma interpretação, a mais obvia, parecia-me absurda; outra, mais romantica, mais absurda ainda. Calei-me, e elle calou-se.

O criado de José Augusto era azado para me informar do viver de seus amos. Entrei com premeditação e melindre n'estas averiguações, e colhi o seguinte: José Augusto recebia á noite uns clerigos e proprietarios visinhos. Fanny ficava na sua salêta de leitura e trabalho. Ás dez horas sahiam as visitas, e José Augusto, depois de tomar chá, detinha-se até á meia noite na salêta de Fanny, ou na casa de jantar, lendo ou ouvindo ler. Depois despedia-se da esposa; e, ás dez horas do dia seguinte, mandava saber se a senhora já sahira do quarto. Se a resposta era affirmativa, ia cumprimental-a á salêta contigua á alcova, e d'alli passavam para a mesa do almoço.

Ao meio dia José Augusto cavalgava, e demorava-se por fóra até ás tres horas. Fanny acompanhava-o raras vezes; e, no maximo dos dias, sahia sósinha com o jockey para casa de Raymundo de Medeiros, seu cunhado, cuja esposa era dama de summa virtude e selecta educação. Das tres ás cinco horas, conversavam ou liam. Ás cinco jantavam, e entretinham-se, até ao anoitecer d'aquelles já breves dias de Outubro, tomando café. Depois entravam as visitas: a senhora recolhia-se á sua ante-camara, e José Augusto ia para a sala. Até aqui as informações do escudeiro.

Perguntei-lhe se os ouvira altercar; se alguma vez conhecera vestigios de lagrimas nos olhos de sua ama. Respondeu negativamente; accrescentando, em desconto, que se os não vira chorar, tambem nunca os vira rir.

Augmentou-se o meu enleio. Ponderei as palavras enygmaticas do meu amigo, e rastreei-lhe o sentido a uma luz que se me apagava a cada repellão que o rebelde raciocinio lhe dava.

Fanny, n'este tempo, desejou reconciliar-se com a sua familia. Estava então no Porto o coronel Owen. Escreveu-lhe a filha, authorisada pelo marido. A carta foi-lhe devolvida fechada. Quem a recebeu foi José Augusto, da mão do criado. Fanny, anciosa da resposta, como visse a carta em mão do marido, correu alvoroçada para ouvil-a. José Augusto, antes de abrir o envoltorio exterior, conheceu que dentro estava lacrada a carta de Fanny. A fim de poupal-a á magoa, não lh'a deu, nem quiz abril-a; porém, como ella visse no sobrescripto a lettra de sua irman, suspeitou da recusa do marido, e, n'um impeto de ciume, quiz arrancar-lh'a da mão. José Augusto repuxou com desabrimento o braço; e, n'este esforço, Fanny, ao desprender-se do braço d'elle, cahiu de encontro ao angulo d'uma banca de sala.

Tão doloroso fôra o embate, que ella veio ao chão desamparada dos sentidos. José Augusto abraçou-a com transportes de compadecido, e transferiu-a para o leito. Quando Fanny volveu a si, encontrou a carta sobre o seio, e José Augusto arquejante ao lado da cama.

Não teve seguimento este lance; porém, foi elle fermento de sobra para levedar a mais contumeliosa calumnia contra José Augusto, calumnia que o protesto d'aquelle anjo de mortal tristeza teria rebatido, se ella previsse que a diffamação, em seu nome, havia de pregoar que seu marido a repulsara de si com a ponta do pé.

VII

Por fim de Janeiro de 1854 passou José Augusto para o Porto, onde demorou até aos ultimos dias de Março.

D'aqui foi para o Bom Jesus do Monte, d'onde me escreveu as linhas trasladadas no comêço d'este *memorandum*.

A 15 d'Abril sahiram para a sua quinta do Lodeiro, e eu voltei ao Porto.

N'aquelles oito dias de convivencia espiei com muita simulação e recato os corações de ambos. Achei uma tristeza cerrada, sem descontinuação, sem intercadencias de luz do ceo, ou de esperança em longes eventualidades da vida. Lagrimas, porém, nunca vi alguma. Esta era, a meu vêr, a suprema desgraça de ambos. Retirei-me convencido de que as duas almas haviam cahido nas prezas do demonio

do tedio! A minha razão não abrangia a omnipotencia d'esse demonio tão temporan; mas que montava isso? Quantas miserias da alma humana eu desconhecia! quantas incognitas me vão saltando d'este esterquilinio aos olhos pávidos!

Dois mezes depois respondeu José Augusto á minha terceira carta. Leio n'ella estas linhas:

« .....A tua segunda carta lisongeou-me o « coração... Abriste-me as portas do meu eden de « rapaz. Não entrei, porque m'o impede o montante « de fogo do anjo maldito da desesperança.

« O que eu vivi, faz hoje um anno!... É hoje o « natalicio de Fanny. Eu era então ditoso, era! mas, « ha um anno, estava longe da unica mulher que « amei, como sei e sinto que só tornarei a amar no « ceo!...

« Aqui a vejo agora pallida, desbotada, inclinada « ao tumulo, como as bellas flores que lá nascem « para a curta vida de dois soes! Vou com ella bre- « vemente para o Porto, procurar-lhe remedio..... « .....

« Fallaremos dos incidentes decorridos durante « a nossa separação... »

É contradictoria esta carta. *A mulher amada*, como nenhuma outra, a mulher que só por amores do ceo póde ser deslumbrada, nem assim vinga desviar os olhos do esposo do anjo percuciente, que se lhe atravessa ás portas do *eden de rapaz!* Que desvairada incongruencia esta se me afigurou, e ainda agora se ennubla nos vapores d'uma poesia de symbolos indecifraveis! Ha almas em que só póde ler o Creador.

Em principio de Julho hospedou-se José Augusto no *hotel-Barthès*, na rua da Fabrica.

Manoel Negrão visitara-o, primeiro, e disse-me: — « Fanny está morta! » — Relatou-me o deperecimento em que a vira, e o acre enjoativo de cadaver, que se respirava ao pé d'ella.

Desconfiei das demasias de côr funeral n'este quadro. Fui, porém, com medo: a compaixão dá esses effeitos ás almas fracas.

Entrei n'uma sala, esperando Fanny.

Ouvi, no pavimento immediato, um ranger lento de passos tardios e mesurados. Abriu-se a porta, e eu levantei-me. Devia de ser Fanny aquelle cadaver, porque eu estremeci, levei as mãos ao rosto, e esmaguei os olhos para estancar as lagrimas. Estava

presente José Augusto! Que lance para ambos! Fanny, sorrindo, dizia-me:

— Cuidei que me não conheceria; mas, se ha de assim chorar, melhor fôra que me não conhecesse!...

Aquelle foi um muito affligido transe de minha vida! Eu queria compôr e attenuar a sobreexcitação da minha surpreza; mas as lagrimas teimavam, a voz não se me desabafava do gemido que eu apertara na garganta, e me afogava a mim. N'este momento odiei José Augusto: parecia-me que via n'elle, ao lado da victima, um impassivel carrasco.

Que havia de eu dizer? Pedi a Fanny a explicação dos seus padecimentos: não podia dizer maior inconsideração. Disse-me ella, breve e seccamente, que o seu mal procedia do peito, e d'uma dôr na ilharga esquerda.

Poucas mais palavras trocamos: quiz-me parecer que a minha presença lhe suscitava lembranças do seu Paraizo perdido, e que as lagrimas desbordavam da enchente do coração.

Sahi, apertando-lhe a mão escaldante. José Augusto ficou na sala; recordo-me escassamente d'elle n'aquella passagem.

N'este mesmo dia, procurou-me José Augusto, perguntando-me se eu o queria acompanhar á Ma-

deira, para onde elle ia com sua mulher. Não tive mão de mim, e pedi-lhe contas da formosura dos vinte e tres annos, da vida radiosa de Fanny Owen. Respondeu glacialmente que Fanny adoecera de tristeza, de arrependimento, de saudades de sua mãe, e da especial doença de sua indole ingleza; não obstante, elle esperava restaurar-lhe a saude perdida nos ares temperados da ilha. Recalcitrei em termos um tanto desabridos, e José Augusto replicou enfiando, e cobrindo-se d'uma pallidez que me impoz silencio. — « Ha aqui mysterio! » — disse eu entre mim.

Fui visitar Fanny nos dias subsequentes. Nenhum ar de melhora, nem de esperança. Pedia-me que lhe levasse flores: no seu quarto, cujas janellas davam sobre quintaes, havia quatro jarras de flores. Estava ella reclinada, sobre as almofadas d'um canapé, de encontro ás vidraças d'uma janella por onde se via em cima o azul do ceo, em baixo o verde dos arbustos d'um jardim.

Vi, com prazer, ao lado de Fanny uma distincta senhora do Porto, sua parenta; e com maior prazer, passados dias, vi do outro lado a veneranda mãe da pobre menina. Choravam todas! Não ouso conjecturar com palavras qual seria o aperto d'alma de

D. Maria Rita, quando encarou em sua filha, decorridos nove mezes apenas, depois que ella, ao deitar-se, lhe dera o beijo do adeus!... E aquelle beijo como sahiria do coração de Fanny!

Disse-me José Augusto que a reconciliação de sua sogra promettia o breve restabelecimento da enferma.

— Vamos viver — continuou elle — na casinha de Villar, que ainda conservo trastejada; a mãe estará sempre com ella; os ares d'alli são excellentes, e estão impregnados do aroma e poesia da mocidade de Fanny. Eu mesmo espero que a vida me lá transluza nas côres prismaticas d'outro tempo.

No entanto a doente peorava. Consultei á puridade os medicos Moutinho e Ferreira: era desesperada a cura d'uma tisica em ultimo grau!

N'uma noite de Agosto abriu José Augusto uma janella do quarto abafadiço de Fanny. Manoel Negrão e D. Maria Rita estavam juntos do canapé em que a inquieta senhora, ora punha as mãos supplicantes sobre o seio, ora se inclinava estorcendo-se para os braços de sua mãe. José Augusto sahira á varanda do quarto. Eu fui depós elle, e disse-lhe:

— Morre inevitavelmente esta senhora. Deus lhe aligeire as agonias.

Passados instantes de offegante silencio, José Augusto respondeu:

— Mataram-na a ella, e mataram-me a mim.

— Como e quem?—repliquei, suspeitando uma revelação d'alta valia, um levantamento subito do véo mysterioso d'aquellas duas existencias.

— Mataram-na — tornou elle — as cartas que me enviaram.

— As cartas de Fanny ao sujeito que m'as confiou?! — redargui tranzido de assombro e indignação.

— Sim, essas mesmas.

— Então és um desgraçado sem nome! — voltei eu — Que tinham ellas de injuria para ti, ou desaire para tua senhora?

— É que a mulher que se dizia a mais ditosa do amor d'um homem, escrevia a outro dizendo que não achara ainda coração que a comprehendesse!

— E esse dizer inconsequente authorisou-te a infligir-lhe um supplicio mortal?

— Eu não sou que a mato: é ella que se enganou com o meu caracter. A confiança expansiva morreu em mim na hora em que a julguei a ella falsa. Desde essa hora tinha dois caminhos a seguir: um era o da liberdade com a infamia, deixando-a; outro

era o do captiveiro com a morte, esposando-a. Metti-me ao caminho da honra: dei-lhe o meu braço de irmão — meramente o de irmão, comprehende-me — e caminhei com ella em direitura á morte. Aqui estamos. Ella vai morrer, eu irei depois, porque sei que apenas lhe sobreviverei o espaço d'uma trabalhosa agonia.

Depois d'isto, as minhas severidades seriam, sobre intempestivas, estupidas; consolações tambem eu lh'as não podia dar: retirei-me da janella assim que um pretexto me deu azo, e fui contemplar a martyr sem algoz. Sem algoz, em minha intima consciencia o digo, e repito em presença de Deus, que m'a vê. José Augusto, hallucinado por filtros de fatidica e infernal magia, não era já senhor de sua razão, de seu arbitrio, das fibras compassivas de sua alma. O mundo não desconta nem attenua culpas da procedencia de taes filtros, visto que as leis descuram a abstruza these do homem despossuido do senhorio de suas acções, leva-o de rojo por uma corrente de raciocinios desvariados, posto sobre um patibulo, sem outro impulso visivel de sua vida e morte affrontosa, que a sua mesma e inflexivel vontade.

VIII

Voltaram Fanny e José Augusto a Villar do Paraizo.

Quando alli fui, o *cottage* avultou-me como se um crepe o envolvera todo. As aves da larangeira e da olaya tinham volitado para estancia mais feliz. Lá dentro gemia a doce amiga que ellas tinham conhecido florente, alva e acoitadora como os cachos da cylindra, d'onde, a requebros amorosos, a saudavam ao descahir da tarde.

Na salêta, nivelada com o jardim, estava Fanny, de rosto contra a ramagem das acacias. D'alli, sentada n'uma cadeira de espaldar, aspirava a haustos anciados os aromas que lhe cahiam nos pulmões em peçonha roedora.

Assim a vi, com sua mãe ao lado, quando a visitei em Villar. Assim a vi, e não tornei mais a vêl-a n'este mundo, senão em sonhos.

José Augusto passeava no jardim. Não sei o que me elle disse então. Foram tambem as derradeiras palavras que lhe ouvi, porque os nossos olhos nunca mais se encontraram.

Lembro-me que entrei na salêta, beijei a mão de Fanny Owen, e abracei sua mãe, com não sei que palavras, ultimas tambem, que nunca mais vi a respeitavel e infelicissima senhora.

Poucos dias depois, Fanny, ao acabar um dia mais sereno que os anteriores, inclinou a face ao seio de sua mãe, e adormeceu. D'aquelle somno acordaria desperta ás alvoradas de seus irmãos, dos anjos, que lhe vieram em demanda do espirito para o restituirem ao Senhor.

Dizem-me que José Augusto se ajoelhara ao lado do cadaver, e lhe reaccendera as faces lividas com a febre dos seus labios.

No dia seguinte sahiram para Villar os aprestos para o embalsamento. O medico encarregado era meu amigo. Segredei-lhe duas palavras: Joaquim José Ferreira espantou-se, e disse: — «É crivel!»

De volta de Villar procurei o medico com anciosa curiosidade.

— Virgem, como se nunca sahisse do regaço de sua mãe! — me disse elle.

IX

Já me vai sendo uma dor este prolongado recordar-me, e direi até um arrependimento.

José Augusto, concluido o embalsamento do cadaver, mandou depositál-o n'aquella egrejinha contigua ao velho solar dos Camêllos, e guardou o coração de Fanny em uma urna de alcool. Depois encerrou-se com um sacerdote por espaço de oito dias.

Em seguimento, fechou os vestidos de Fanny em bahús, e mandou-os recolher n'um mosteiro do Porto, a recato da senhora com quem sua esposa convivera na Foz. Da urna do coração foi tambem depositaria a mesma senhora.

Sahiu José Augusto para Lisboa, promettendo regressar passado um mez.

Hospedou-se no hotel da travessa de Estevão Galhardo; e, ao oitavo dia, morreu.

Uma senhora portuense, a senhora D. Eulalia Balsemão, hospedada no mesmo hotel, disse-me que José Augusto morrera de febre cerebral; que rejeitara remedios; e apenas escutara as palavras confortadoras d'um sacerdote de virtuosa fama, soccorro que elle pedira afflictivamente. Quer em delirio, quer em claro entendimento, proferia o nome de Fanny, e exclamava: — « Espera-me, oh anjo! »

José Augusto Pinto de Magalhães foi sepultado no Alto de S. João em valla commum.

Fanny Owen está no jazigo dos Rochas Pintos no cemiterio da Lapa. O cavalheiro d'aquelles appellidos mandou buscar o cadaver embalsamado a um desvão da egreja de Villar. Os herdeiros de José Augusto recusaram pagar as despezas do monumento que elle mandara construir; e, sobre a sepultura d'elle, nem uma cruz, nem taboa ergueram com uma data e um nome.

Assim acabou aquella mulher linda do Paraizo, que chorava se o vento lhe sacudia as corollas das suas flores! Assim se fecharam os olhos d'aquelle

ardente mancebo, que eu invejara com tantos dons e auspicios de felicidade!

Fallai-me, ó vozes mysteriosas das minhas noites contemplativas! Dizei-me se aquella alma suppliciada, que pedia ao anjo que a esperasse, a encontrou debaixo do olhar misericordioso do Senhor!

1855.

CARTA A EVARISTO BASTO.

Ainda te lembras d'aquelle polygono de castanho do Manoel Malho do Laranjal? E a parelha, tambem polygona, seria coisa delevel da tua memoria? Se pudeste esquecer isto, que relanço formoso de tua vida te resta ainda para a saudade?

Era no tempo em que tu, e José Barbosa, e Luiz Barbosa, e eu tinhamos a ténia.

Luiz Barbosa, aquella boa alma, superabundante de saude, tinha uma ténia por condescendencia comnosco.

José Barbosa, triste como um capitulo de Ezechiel, attribuia ao ominoso verme a dolorosa introversão do seu espirito.

Nós, Evaristo, porque eramos imaginariamente comidos da lombriga por excellencia?

Hoje é que eu sei o que era aquillo. Era a decadencia da nossa faculdade imaginativa. Já não podiamos inventar outra coisa! A ideia, atirada pelo impulso do engenho á objectividade, repercutia nua como sahira á subjectividade descolorida, chôcha e espalmada da psyche, gregamente fallando; e esta ideia toda ella me parece grega, a dizer-te a verdade.

Em tempos auspiciados pelo vento da fortuna, meu amigo, as nossas apprehensões exercitavam-se todas do diaphragma para cima: na região thoracica é que nós procuravamos o amor... e os tuberculos. O coração era o centro dos lucidissimos orbes que inventaramos. Isto, que a sciencia chama intestinos, chamavamos nós constellações. O ar dos bofes afidalgavamol-o com o foro de ether. Tudo poemas e prosa biblica das costellas a dentro, até á membrana divisoria da cavidade intestinal. Se embicares n'esta nomenclatura, que cheira a amphiteatro de dissecção, consulta o nosso Arnaldo Gama.

Desluzida a phantasia, meu velho amigo, é que descemos a entender no que nos ia no pancreas, no cólon, e no duodéno. Creamos então a bicha solitaria, e vimos que era bom. O pégaso, ao fugir de nós, escouceara-nos no ventre. Levamos alli a mão á dôr palpitante, e apalpamos o verme roaz, o cas-

go da prodigalidade com que tu cantáras olhos ne-
ros, e eu uns olhos *azues-castanhados* que os cri-
cos metteram a riso: tolice que me obrigou a estu-
ar pintura e combinações de tintas n'um brazileiro
ue andava então variegado á compita com o arco
is.

Abrimos nossas almas aos dois Barbosas; sym-
athisaram elles com a ideia da ténia, um porque a
evia ter, o outro porque, em obsequio á nossa des-
lita, acceitava a fama de possuil-a.

E, assim, pallidos e meditativos, como quatro dos
irondinos, subimos á carroça do Manoel Malho, e
aramos em Famalicão. O paiz e a Europa já sa-
em, em virtude da noticia que eu dei á estampa,
ue o açoute de Deus, nas lombrigas, o vermicida
le Gondifelos, não achou nada em ti, nem nos Bar-
osas, nem em mim. Eu, sem que vossês me vis-
em, puz a mão no ventre, e murmurei o *J'avais pour
ant...* de Chenièr. Era a dôr sincera do homem que
rguia ao desarranjo da região hypogastrica os es-
vahimentos de espirito, a lethargia do *eu* intuspe-
tivo, a calacice que me abrutava quando o ceo me
chovia inspirações a cantaros.

Excedem a marca ordinaria, meu amigo, as des-
graças resultantes de eu não ter a ténia n'aquelle

tempo. Á falta d'uma alimária interior, responsavel do meu desgosto da vida, entendi que o marasmo da minha alma procedia da mingoa de excitantes. Abrazei um ferro na forja das paixões infernaes, e cauterizei com elle o coração. Dei pulos de cobra! As fibras, que pareciam mortas, palpitavam de dôr. E eu não chorava ouvindo as lastimas do senso-commum. Cravava o cauterio entranhas dentro; revolvia-o na caverna de sangue e cartilagens e membranas; tirava por elle com desesperada agonia; examinava a materia adherente ao ferro extrahido, e via lama!

Depois d'esta operação, com que a pathologia não ganhou nada, fiquei melhor, meu amigo. Foi uma limpeza que a pouca ventilação dos nossos hospitaes não comportaria sem contagio. Eu tinha no peito um paul fermentado de miasmas. Escondi-me entre os fragoêdos, d'onde te escrevo, para extirpar o cancro que atirei á cara do meu anjo-custodio, em paga dos bons serviços que me fizera.

Mas que estorcimentos, que horrentes angustias me custou isto! Que sadia existencia teria sido a minha, se eu pudesse enforcar, ha oito annos, o demonio do meu destino com as trinta braças d'uma ténia!

Tomando o fio d'este *memorandum*, meu ca

varisto: fomos de Famalicão para o Bom Jesus do lonte. Ha pouco li o livrinho que escrevi então. ue saudade!... Que saudade eu tenho da tua aleria sobre as almofadas de verdura que afôfam a laeira da serra!

E o José Barbosa, que ainda então estava apenas neio engulido pela politica — baleia medonha d'onde inda não sahiu nenhum Jonatas inteiro — quão poeicamente scismava, que pueris magoas o alheavam l'aquelle teu salgado prefacio a um suspiro profuo, como um regôgo, que mandaste do Terreiro dos vangelistas a uma mulher superior ao peccado em aldade!

E o Luiz? o Luiz Barbosa, com o *dominó* na algieira, esperando que as açudes da poesia se estanassem para começarmos a viver um pouco á natueza!

E os porsevejos? e as pulgas de Braga? e aquelle idalgo de rija tempera a medir, ás jardas de fueiro, costado do cidadão que ululava como se tivesse ulmões tão sonoros e rijos como os lombos!

E eu fiz chronica de tudo isto no jornal do João as Regras, aquelle bom rapaz a quem a sorte borascosa não poupou mesmo ao escolho da propriedade d'uma gazeta! E o Coelho Lousada, coração fe-

minil com tamanho espirito, o que elle ria dos meus folhetins, e que de pressa aquelle sorriso lavado se lhe foi com a alma para Deus!

E já que fallei de mortos, ainda te lembras d'aquelle rancho de senhoras com quem convivemos duas horas no terreiro do hotel do Bom Jesus? Uma de cabellos d'oiro, e outra de olhos negros, que pareciam cantados por ti? Já morreram. Não as verás mais nem nos bailes abafadiços do Porto, nem nas salas tapetadas de relva e abobadadas de folhagem onde as vimos no Bom Jesus. Aquellas criancinhas, que travesseavam á volta da nossa mesa de dominó, são hoje umas senhoras, que me encaram com um ar admirativo de quem diz: « Muito antigo é este homem! » É ainda um bem, meu caro amigo, este de sermos examinados como estatuas esbrocinadas do adorno mythologico d'algum lago vetusto.

Outra pergunta: Lembras-te d'aquella estrangeira que lá andava pelas sombras mais desfrequentadas, vestida de homem, com as madeixas cerces pelo colo, e uma blouse de tafetá, que lhe escondia a largueza das ancas?

Esta mulher, conforme as averiguações que fiz depois, ainda alli voltou no anno seguinte com o mesmo homem, e com o mesmo quebranto de olhos

cansados de chorar; mas mais livida e foragida da observação dos curiosos.

Depois não voltou. Iria buscar n'outra parte a sepultura. As arvores devem saber o segredo das duas vidas, que pareciam ter vindo alli penitenciar-se. Chorar nas mattas do Bom Jesus é chorar em presença de Deus. A penitencia é amal-o: chorar é conquistar-lhe o amor e a misericordia.

São passados nove annos desde aquelle dia de Julho.

Que é feito de nós, dos quatro corações que se sentiam estremecer n'uma só pulsação de contentamento?

A resposta é de lagrimas!...

Tu estás ahi com quatro filhas e esposa, cinco thesouros que o Senhor te mandou abrir com as sete chaves d'ouro do teu amor. Assim é; mas ellas, por vezes, choram em volta de ti, quando o pavor d'uma enfermidade atroz assalteia o teu animo quebrado, e te empallidece o rosto. Alegra-te em Deus, Evaristo! Tua santa esposa e filhas pedem-lhe. Lá em cima não ha prece de anjos mais justa.

José Barbosa?

Foi engulido de todo! É agente de negocios em Constantinopla. Já esteve no gume do perigo de ser

governador civil. Quando deputado, reune em sua casa os conciliabulos nocturnos dos legisladores. Tem escripto sobre o sêllo das alfandegas provinciaes. Conhece todos os homens republicos, vive de mano a mano com estas feras, e receio que a final o devorem.

E o Luiz? Vi-o, ha mezes, mais velho nove annos, e mais triste. Quando me abraçou, disse-me: « És um grande desgraçado! » Como então lhe vi os olhos turvos de lagrimas, inferi que era o mesmo o coração.

E eu?

Hei de dizer-te o que eu sou, quando eu o souber.

Adeus. Quando te sentires infeliz no extremo, lembra-te de mim, e consola-te.

Janeiro de 1864.

1856.

I

Sahindo eu do Porto, com destino ao Bom Jesus, encontrei na alameda da Aguardente um moço de Lisboa. Estava o sujeito encostado a um tronco, de braços em cruz sobre o peito, e contemplava a orla azul do horisonte.

— Que faz o senhor aqui n'essa attitude esculptural?—perguntei eu—Afóra a casaca e o chapeo, tomal-o-ia por divindade olympica de segunda ordem!

— Pensava—respondeu elle.

— Coisa de pôlpa? é no bem da republica a sua meditação? Então desculpe o senhor e a patria o interrompel-o.

— Para onde vai?—tornou o pensador.

— Vou ao Bom Jesus.

— Do Monte? — exclamou alvoroçado.

— Sim, do Monte.

— Póde demorar-se tres minutos?

— Posso demorar-me tres horas, se lhe dou n'isso gosto.

Descavalguei, e sentei-me á beira do sujeito, n'um dos bancos da alameda, para ouvir-lhe o seguinte:

— Eu vim ao Porto de passeio, e aqui estou ha um anno por causa d'uma mulher. É ***.

— Conheço-a — atalhei eu. — Felicito-o! É digna de tudo, se a fama é verdadeira.

— É! O menos que eu vejo n'ella é a formosura. Todas as virtudes enlaçadas em todas as graças! E o que ella tem padecido por amor de mim! A mãe e os tios vigiam-na e atormentam-na, desde que eu a fui pedir. E ella resiste inabalavel, sem reagir. Chora, e humilha-se. Pede que a deixem morrer a amar-me!... Leia o senhor esta carta que me ella escreveu ha oito dias, antes de a levarem á força para o Bom Jesus.

Li a carta que era grande e bem escripta, com duas citações francezas, e varias outras de authores modernos compatriotas. Não me fez chorar nem rir.

Restituí o mimo a seu dono, e disse-lhe:

— Está admiravel.

— E sentida — ajuntou elle.

— Sim, senhor — confirmei eu.

— Veja o que a pobre menina está padecendo!... E eu de braços cruzados diante d'esta sublime agonia, sem saber o que lhe faça!...

— Case judicialmente — observei eu.

— N'isso medito; mas ella não tem querido, receando que a mãe deixe o terço á outra irman, e que os tios, de que ella espera herdar, a esqueçam no testamento.

— Isso que tem?! — reflecti — Se se amam...

— Diz bem; mas eu tenho apenas uma mezada de quarenta mil reis, e avalio qual será a minha dôr, se não puder manter as regalias e luxo em que ella vive. O verdadeiro amor é reflexivo; e se ella, que é mulher, reflexiona com tanto juizo, amando-me como o senhor vê d'esta carta, que deverei fazer eu?

— Pensa bem — respondi — O melhor é esperarem, meu caro senhor, e amarem-se assim, que, a meu ver, a suprema dita é esta em que se acham. Apaixonados e contrariados, é uma situação agridoce, incomparavel ao goso pleno do bem que se deseja.

Accrescentei mais algumas maximas no estylo do « *Feliz independente* » do padre Theodoro d'Almeida, e perguntei-lhe se eu podia servil-o em alguma coisa.

— Póde obrigar-me com uma impagavel fineza — disse elle.

— Disponha.

— O senhor vai ao Bom Jesus, e naturalmente ha de encontral-a...

— Necessariamente

— É tambem provavel que se lhe offereça occasião de... Sinto-me embaraçado...

— Queira fallar, sem refôlho. Deseja que eu lhe entregue uma carta? Promptamente.

— Carta não a tenho, nem abuso da sua bondade fazendo-o esperar em quanto vou escrevel-a; mas, se me quer obsequiar, escreverei uma palavra na folha da minha carteira...

— Pois não?

Levantei-me urbanamente para não ver a palavra; elle, porém, reteve-me, dizendo:

— Faz favor de ver, que nem eu acceitava em essa condição o seu incalculavel favor.

A palavra escripta foi: VERGISS MEIN NICHT — palavras allemans, que querem dizer — lembra-te de

mim — nome da flor querida de A. Karr, e de A. de Musset.

Dobrei o papelinho na minha carteira, e despedi-me do jubiloso moço, que me apertou fervorosamente a mão.

II

Assim que cheguei ao « Escadorio dos cinco sentidos » vi a menina, com um rancho d'outras, sentadas no primeiro lanço ao pé da fonte, onde, na peanha da estatua d'um pastor, se lê este latim do Ecclesiastico: *Vir prudens, quasi in somnis vide et vigilabis;* que, em portuguez, sôa como: « Varão prudente, toma-as como um sonho, e acautela-te! » Achei que a inscripção estava alli posta com referencia ás meninas.

Cortejei-as, e passei, relanceando a vista intencionalmente á dilecta do homem pensador. Observei que ella estava, n'esta occasião, inclinada algum tanto ao ouvido d'um meu amigo do Porto, môço rico, de insinuante parecer, e fama de boa pessoa, como de feito é. Isto fez-me uma certa estranheza, e uns im-

)ulsos não sei se de riso se de piedade pelo de Lis-)oa, cujo recoveiro eu era.

D'ahi a pouco sahi ao encontro do meu amigo ***, e perguntei-lhe:

— Aquella galante menina, com quem estavas allando, ainda está apaixonada por ***?...

E citei o nome do outro.

(Quando disse o *outro*, não liguei ao termo a in-enção de X. de Maistre, quando dizia a *outra*).

— Apaixonada! — respondeu A*** — Estás des-açado, segundo vejo, do faro das mulheres! Apai-onada! Ora essa!... Ha oito dias que ella aqui está, legre como uma levandisca, a saltar de moita em noita. Eu, por passar tempo, e mais nada, tenho lambicado em honra sua algumas phrases amoro-as, e ella recebe-as com as quatro portas do cora-ão abertas. Se isto é estar apaixonada pelo lis-)oeta...

— Já vejo que não, e assim é bom.

Custou-me a vencer o indignado impulso de es-rever ao outro. Uma razão, maioral de todas, a ca-italissima razão, n'estes casos, me susteve. A razão lo « que me importa a mim? »

Mas o bilhete? o *Vergiss mein nicht?* Deverei ntregar-lh'o?

Consultada a consciencia, respondeu-me: «Entrega: póde ser que esse *memento* a cumpunja, e torne em si.»

Azou-se o ensejo. Estava ella, sósinha, a cortar uma França do cypreste de S. Longuinhos. Acerqueime, e disse-lhe:

— Minha senhora, releve-me vossa excellencia que eu lhe entregue esta lembrança de ***.

A menina abriu o papelinho, e disse, entre risonha e sobresaltada:

— Ah!... muito agradecida...

— Posso aspirar á honra de servir vossa excellencia? — tornei eu.

— Escreve-lhe?

— Se vossa excellencia manda...

— Queira dizer-lhe que ainda não pude furtar-me á vigilancia de minha familia para lhe escrever duas palavras... Assegure-lhe que não o esqueci ainda um instante; e, se me quer obsequiar, mande-lhe estas folhinhas de cypreste.

— Sim, minha senhora.

Escrevi ao sujeito seccamente e laconicamente este dialogo. Reflexões de minha lavra nem a mais insignificante. A minha consciencia, assim, ficou tranquilla.

D'ahi por diante, nos seis dias que me detive, a menina escondia-se de mim para abrir as quatro portas do coração ao meu amigo A***. Este recato fez-se tão reparavel, que fui interpellado d'este theor pelo meu amigo:

— Que tem esta mulher comtigo?!

— Comigo?! Que eu saiba...

— Não me falla senão com o commedimento e frieza de uma pessoa conhecida, na tua presença.

— Isso lisongeia-me! — repliquei — mas por esta estatua de Jeremias, que nos escuta, juro-te que sou estranho ás quatro portas do coração d'essa senhora.

A*** não se desconvenceu da suspeita, qualquer que fosse.

Na volta do correio do Porto recebi carta do outro, com uma inclusa para a linda perfida.

Entreguei-lh'a e fui-me embora.

Oito dias passados, chegou do Bom Jesus o meu amigo A***, e procurou-me para me mostrar um bilhete d'ella, que lhe marcava as horas em que podia vel-a de dia, e ouvil-a de noite.

A intenção do moço, n'esta expansibilidade, era desenganar-me, caso eu andasse engordando no meu tolo espirito a chimera de ser amado.

Eu comprehendi-o, sorri-me, e disse-lhe:

— Essa revelação mata-me, amigo A***! Mataram-me ella e tu! Deus vos perdôe, algozes! Pois matastes um homem, como dizia o *Alfageme* do Garret!... Sabes tu que mais? não sejas criança! Eu conheço apenas essa mulher como doida e má.

— Explica-te! — interrompeu sem azedume, todavia agitado.

Contei-lhe a historia do homem de Lisboa, e a commissão que eu desempenhei no Bom Jesus. O meu amigo rasgou o bilhete, e disse:

— É indigna!

— Boa acção! — exclamei eu — Honra e defende assim o nosso sexo!

III

— Como vão as suas coisas? — perguntava eu ıo outro.

— Optimamente e desgraçadamente. As difficul-lades crescem com o amor. Agora já a não deixam ıpparecer de dia nem de noite. Escreve-me raras 'ezes; mas cada carta é um longo gemido de tortura ;m que é excruciado o pobre anjo!

Condoi-me; ia contar-lhe tudo; pude ainda sof-rear-me, e apenas lhe disse:

— Veja se a esquèce.

— Esquecel-a! — clamou elle — Não me diga sso por quem é! Diga-me antes que morra!... Por-ue me aconselha assim?

— Porque o vejo infeliz — respondi.

— E a esperança? e este amor immenso? e estas agrimas que o senhor me vê nos olhos?

— Bem! pois então espere, ame-a, e não chore. Seja homem; veja mesmo se o seu coração póde amar duas mulheres. Equilibre as potencias de sua alma nas duas conchas da balança; e depois incline-se para onde pender o fiel, ou conserve-o em ouro fio, que é a certa e segura sciencia de amar o necessario para matiz da vida, e mais não... O *quantum satis* em tudo, meu caro senhor!

Passados dias surdiu-me o homem com um aspecto e trejeitos de desesperada angustia.

— Atraiçoado! — exclamou.

— Como assim?

— Vai casar a infame! Casa com um primo rico, um scelerado que traficou na escravaria negra!

— Deixe-a casar! O que se segue é que o primo continua a traficar em escravaria branca.

— Vou matal-a! — rebramiu elle — matal-a, no momento em que ella sahir de casa para a egreja!

— O senhor é um covarde! — redargui com severidade — Uma mulher não se mata. Se ella é infame, untam-se-lhe os degraus da escada para ella resvalar mais de pressa ao abysmo. Se ella está na posição d'essa mulher, o homem retira-se com a sua dignidade, e paga ao mundo com as lagrimas choradas a lição recebida.

Fallamos largas horas. Ao outro dia o moço foi para Lisboa.

A senhora, cujo confidente eu fui, casou com o primo, e, se tudo o que luz é oiro, está feliz. Vejo-a ricamente entrajada no theatro, dá reuniões, prima nos bailes como bella e faustosa. Em quanto a costumes, não sei coisa que lhe mareie a reputação.

O de Lisboa encontrei-o lá no anno passado, muito magro, já de bigode listrado de branco, triste e assim a modo de estupidificado.

— Que me diz da infame?—perguntou-me elle.

— Lá está.

— Feliz?

— Parece-me que sim.

— Então não me vingo! — redarguiu elle em tom cavernoso.

— Pois ainda pensa em vingar-se!... Seis annos não bastaram para esquecêl-a!...

— Não! O que me lembra não é ella: é a minha alegre mocidade que perdi!... Não me vingarei?...

— Que especie de vingança premedita o senhor?

— Não sei; esperava que a Providencia me vingasse.

— A Providencia vinga as affrontas que postergam os deveres sociaes, inferidos dos preceitos di-

vinos; mas o senhor, em quanto a mim, está fóra da pauta dos trahidos, de cujo desforço a sociedade, mesmo involuntariamente, se encarrega.

— Quer dizer que não ha Providencia para mim? — interrompeu elle com enfuriado gesto.

— Não, senhor: quero dizer que a mulher de quem vossê se queixa, fez o que tem feito muitos homens que ninguem accusa. A Providencia, que os deixa mentir impunemente, não castiga por excepção a mulher que lhe mentiu ao senhor.

Elle voltou-me medianamente delicado as costas, e eu fui meu caminho, pensando na Providencia, até que uma carruagem no Chiado me borrifou de lama. Limpei-me para me sujar mais, e continuei a pensar na Providencia que dá a lama e as carruagens.

1858.

I

Estava ella sentada n'um comoro tapeçado de relva.

Ao seu lado, com a fronte pendida ao hombro d'ella, estava a irman, quinze formosos annos, um coração de Deus.

Olhavam ambas contra as agulhas do Gerez toucadas de nevoas.

E eu, que pedia ao Senhor um sorriso d'aquella mulher, e depois o somno do infinito esquecimento, abria uma lettra n'um tronco, e dizia no recesso de minha alma:

« Ella ha de vêl-a. »

Ouvi-lhe a voz: cantava no tom abafado de quem quer ser sómente ouvida em seu coração.

Onde podia ir aquella toada saudosa? Eu estava alli, eu, que lhe daria o meu seio, a minha juventude, a minha honra para escabello dos seus pés!

Onde podia ir aquella toada saudosa?

Ó Belleza eterna e Verdade eterna! ó Suprema Intelligencia, que bafejaste á minha alma o calor das inextinguiveis paixões, rompe esta repreza de lagrimas, e lavem-me ellas a nodoa do crime, se em amal-a injurio as vossas leis, e postergo os deveres da humanidade!

Assim orou o meu espirito ao Espirito do Senhor.

E, adormecendo com a face encostada ao musgo do rochedo, sonhei este sonho:

Era n'um carcere; eram trezentas e noventa noites de carcere.

Eu estalejava de frio e horror.

As multidões premiam-se ás rêxas das minhas grades, e cuspiam-me no rosto, conclamando: «Maldito!»

E eu, debulhado em lagrimas, dizia:

— Deixai-me a honra do coração, e macerai-me as carnes, e triturai-me os ossos.

E o sonho continuou:

Era no hospital.

Eu inclinava o peito crivado de dôres sobre uma banca para ganhar, escrevendo e tressuando sangue, o pão d'uma familia. A luz dos olhos bruxuleava já nas vascas precursoras da cegueira.

E eu escrevia, escrevia sempre.

E das fadigas incomportaveis do lavor ia a refrigerar-me a fronte ao espirar reanimador da mulher amada, e servida com a immolação de todos os desejos, das esperanças todas.

E era esta mulher a que eu vira sentada no comoro tapeçado de verdura no Bom Jesus do Monte.

E ella repellia-me, dizendo:

— Tenho direitos á luz dos teus olhos, ao sangue das tuas arterias, e ao ar dos teus pulmões. Trabalha, escravo!

E o sonho continuou:

Cahia o derradeiro bago da ampulheta do sexto anno de martyrio.

Era por noite horrenda... O anjo reprobo da perdição d'aquella mulher com um stylête de fogo avincou-lhe na fronte um lemma ignominioso! E o anjo da salvação, triste, ajoelhado, com os olhos no ceo, chorava.

E o reprobo, n'uma toada de infernal escarneo, levantava este cantar:

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

E o anjo bemdito, n'um suspirar de gementes notas, dizia:

Não és culpada: és escrava
Da tua estrella funesta.
A sorte abysmos te cava
E tu pões o pé na aresta!

E o anjo precito:

E és cega! e n'essa lama,
Em que te vês immergida,
Ainda tua voz clama:
« Gloria á mulher perdida! »

Acordei! O ceo estava lindo e sereno como a terra! Gloria a Deus! que estes horrores só póde concebel-os a alma sonhando.

Oh! a mulher formosa—a santa do meu amor—, a immaculada que eu manchei n'um sonho, aquella mulher... MORREU!

A irman mais proxima de tua idade, aquella que te recordava ainda as alegrias da primeira infancia,

ao seccarem as hastes das suas flôres dos quinze annos, feneceu com ellas, e cahiu, golfadas as ultimas fibras do pulmão. Choraste, e disseste: «Assim morreremos todas».

Depois pediste ar e sol, e o infinito azul do firmamento que consola o infimo dos desgraçados.

Destrancaram as portas da tua reclusão, e deixaram-te viver. Trouxeram-te aqui á montanha religiosa onde os enfermos encontram o Deus da paciencia, quando as agonias corporaes se não mitigam.

E aqui foi que o anjo da esperança te beijou nas faces. Das urnas d'estas arvores, que incensam ao Altissimo, um grão de nardo cahiu em teu coração, e perfumou-o de exultações inenarraveis.

Aqui amaste, Maria!

Ao perpassar por ti no patim da setima capella, vi-te estendendo a mão pallida a uma fronde d'arvore. Esta é: aqui a vejo e toco. Reconheço a renascida folhagem da vergontea que tu cortaste.

— Não virá elle? — me disseste, escarlate de pejo.

— Vem! — te respondi.

Era a visão adorada das tuas febres; o nome que o teu coração primeiro balbuciara.

Ai! elle veio, e tu sorriste. Amaste-o, n'aquella

tarde de Julho, com o fervor de alma que já oi tres vezes a voz de cima a chamal-a.

Dous mezes depois, Maria, morreste.

Lá estás, pura e bemaventurada! Bemdita a mão do Senhor que te fechou os olhos ao espe culo de uma desgraça. Se vivesses, a esta hora, rias infame, ou martyr.

II

Á ALMA DE MARIA.

(QUINZE FORMOSOS ANNOS, UM CORAÇÃO DE DEUS).

Quando tu eras nossa, vieste aqui, d'este alto da terra, contemplar a patria, como ave implume, nascida entre urzes, a remirar além o verde do prado e a copa da arvore, e a prata do lago para onde a vontade lhe impelle a aza ainda imbelle.

Aqui vieste, Maria; d'aqui mandaste o derradeiro adeus á terra.

Que saudade te faria então o mundo, este mundo aonde ha a manhan de Maio, o entardecer de Agosto,

a flôr, a soledade dos arvoredos, o trino do rouxinol, e o estrellado envoltorio dos anjos!

Que saudade, Maria, se tu não fosses a noiva eleita para os amores d'algum espirito que te houvesse amado na puericia, e, choroso de ti, se desprendesse do coração, á voz do seu Creador!

Que saudade, Maria, se te alembrassem as quinze primaveras de tua vida, tristes e esmaiadas da juvenil alegria, que as meninas dos teus annos radiavam do olhar, do sorrir, do vago enlevo de esperanças, do seio alvoroçado de palpitações suaves!

Mas a tua vida, desde o berço, viera amarada por pégos aparcellados de muitas angustias.

Quando te havias de enfeitar com as flôres da oitava primavera, envolveste os cabellos louros na escomilha negra da orphandade. Teu pae morreu então, Maria, tragado pelas vagas, espedaçado nos dentes das rochas.

Ao decimo-segundo anno, quando despias os luctos d'alma e a vida te desdobava a primeira dobra de sua perspectiva alegre, e o coração te segredava a alegria d'um baile e o instinctivo contentamento de ser linda e querida, morreu tua mãe, a virtuosa, a viuva que, durante quatro annos, agonisara ante o retrato de seu marido.

Fechou-se-te a meia porta por onde entreviras os jubilos das tuas amigas, a descuidada felicidade de todos os doze annos, animados por amor de paes e superabundancia dos bens da fortuna.

Levaram-te a um collegio, em que se mantinham os rigores do claustro. Só podias ver a luz que allumiava as enfezadas arvores d'uma cerca, murada a uso monastico. As lufadas balsamicas de Maio não coavam os arames das frestas da tua alcova. O rumor do mundo ia, alguma hora, surprender tuas contemplações; e tu, erguendo a fronte formosa de desmaio e lagrimas, dizias: « Na sepultura de meus paes fui eu tambem fechada; mas elles dormem, e eu não posso adormecer! »

III

Quando em teu coração immaculado
O teu anjo innocente inda sorria,
E tu vinhas aqui, festiva e leda,
Avesinha d'amor, toda poesia,
Scismar tristezas, mas tristezas doces,
Prantos verter, mas prantos d'alegria,
Não eras tão ditosa, amor, não eras
A santa flór das lindas primaveras?

No degrau do cruzeiro confidente,
As vestes d'alma candidas trajando,
Estrellas para amar no azul espaço
Com teus morbidos olhos procurando;
E ás auras murmurosas, que brincavam,
Teus sonhos vagos, a sonhar, contando...
Oh visão linda no degrau da cruz,
Nunca mais volverás, extincta luz!

Quem te visse, alva pomba, ás magas horas
D'essas tardes d'Agosto harmoniosas,
Em que as harpas resoam meigos hymnos
Desferidas por mãos mysteriosas
Dos anjos e das virgens... quem te visse
Aljofradas as faces melindrosas,
Quem te visse chorar assim, diria:
« Que dôr teu pranto, ó virgem, presagia? »

Que dôr? N'aquelle tempo acaso as mágoas
Em teus doirados sonhos negrejavam?
Prelibavas o calix de amarguras
Que feras mãos de ingratos te amostravam?
Tu vias já filtrarem nas cavernas
As gottas que teu peito enregelaram?
Ouviste acaso o estridor do ferro,
Ou a plaga horrenda do lethal desterro?

Não era, não! Tu lias nos arcanos
Do nubloso porvir visão mais triste...
Aqui virás sentar-te... aqui na base
Da cruz onde te vi, onde me viste;
E os olhos erguerás ao ceo de outr'ora,
Pedindo o coração que repelliste,
E a voz da aura da noite, a voz do ceo
Responderá: « Esse infeliz morreu! »

1860.

I

Quando eu estava na casa de Francisco Martins, de Guimarães, em Briteiros, na raiz da serra da Citania, ensaiando forças para as solidões do carcere... (sempre que posso, trago estas recordações a molde: não vejo outro geito de expiar a tolice, se não confessando-a e relembrando-a). Vinha dizendo, quando eu estava em Briteiros, fui d'alli, na volta da serra, entrar na cumiada da montanha do Bom Jesus.

Apenas apeamos, Francisco Martins, o voluntario quinhoeiro das minhas tristezas, e propheta de horrendas desgraças já agora realisadas, desceu comigo a encosta, que se decliva do Terreiro dos Evangelistas. Iamos em procura da inicial entalhada um

anno antes. Lá estava a entrar no amago do tronco, já vestida de musgo. Parecia querer obliterar-se antes que a memoria d'ella se esvaecesse do meu espirito. Desraizei as hervinhas, levantei a nova crusta da lettra, a disse-lhe: « Vive mais alguns annos, memoria d'uma hora feliz! Some-te, quando eu perder de ti a lembrança, ou possa vir aqui zombar do pobre coração que te gravou. Menos duro será então o sarmento que te ha de tragar, menos duro que o coração mofador de si mesmo. »

A saudade podia assim expressar-se, á puridade, com Francisco Martins, interprete de todas as lagrimas derivadas de glandula nobre.

Não intento reformar a anatomia vulgar, estremando umas glandulas lacrymaes nobres d'outras glandulas lacrymaes infimas. Considero, porém, que ha um chorar aviltador e outro chorar nobilitante. Que tem de inverosimil a diversidade da origem dos prantos? As lagrimas da mãe, que aperta ao seio a frialdade d'um filhinho morto, correm da mesma glandula que as dá na raiva do orgulho ferido d'essa mulher? Diz a physiologia que sim. Curve-se a razão á physiologia.

Que escura e triste coisa é a sciencia, ó Francisco Martins!

Abramos o nosso *Nysten*, edição de 1858, paginas 799:

« Chamam-se *lagrimas* um humor excrementi-
« cio... »

Humor excrementicio! Santo Deus!

Continuemos:

« ... que lubrifica o globo do olho, e lhe facilita o
« mover-se na orbita.

« ... As lagrimas enverdecem o xarope de vio-
« leta; e, evaporadas, dão crystaes de chlorureto de
« sodium, encrustados d'uma especie de mucus, e
« tambem encerram phosphato de cal e de soda. »

Ora aqui está!

Diz um homem, na sua melhor boa fé, á mulher que ama:

— Choro! Vê n'estas lagrimas a minha alma, e condoe-te.

Se a mulher leu, por infausto acêrto, o *Nysten*, ou que tal expositor de verdades cruas, responde-lhe:

— O que tu choras, homem, não é alma: é humor excrementicio, é chlorureto de sodium, é muco, é phosphato de soda, e phosphato de cal.

Isto é de matar a paixão, e seccar as glandulas nobres e as infimas.

Moralistas! dai um compendio de sciencias naturaes para uso dos collegios de meninas.

Defini a lagrima.

Defini o coração. Illustrai o compendio. Pintai-lhe esse musculo ôco e feio; que ellas enfiarão de horror, vendo-se amadas em nome de tal entranha, susceptivel de fazer-se osso, de fazer-se pedra, de fazer-se... coisa peor ainda que pedra e osso.

Ó meu caro Martins! eu ia fallar-lhe em lagrimas; mas, depois do *Nysten*, não posso.

Vossê é um homem com a alma de um anjo; mas, nos labios, tem um geito de rir satanico. Tenho-lhe medo agora; e não lh'o tive n'aquella tarde, no Bom Jesus, quando, sem pejo nem respeito de mim proproprio, chorei... *humor excrementicio!*

Que Deus me perdôe!

E vossê tambem!

II

N'este anno da graça deu a senhora Emilia das Neves beija-mão no Bom-Jesus do Monte.

Já disse o breve caminho de Briteiros lá. A mocidade d'estes concelhos em roda confluiu ao beija-mão: eu não fui. Fiquei a scismar n'aquillo. As arvores da montanha sagrada nunca tinham visto uma coisa assim! Eu não quiz ser parte, ainda testemunhal, d'aquella desveneração: recearia ser chamado a depôr no dia do supremo Juizo, sobre os factos d'aquelle dia de suprema demencia.

A senhora Emilia das Neves jantou, e estendeu o braço de brunido jaspe aos labios convulsos do delirio da arte. Dobraram-lhe o joelho sujeitos serios e abonados pelas cans. Os moços, frementes de en-

thusiasmo, despiam as casacas, e estradavam com ellas o trilho da princeza do palco. Ficavam em mangas de camisa: era o trajar proprio do acto e da occasião.

Os dedos puros d'alguma virgem, devotada d'alma a algum dos que, genuflectiram ás plantas da actriz, deviam de retrahir-se escandalisados dos beiços aquecidos na mão da senhora Emilia.

O Pilatos, que entrega o letreiro para a cruz, riu-se e disse: « O paganismo tinha mais miolo! »

A estatua de Noé olhou a fito para o ceo, e disse: Estão-se a encher as cataractas do diluvio! »

Um Baccho, desnarigado, de uma das fontes, exclama, remoqueando o santo patriarcha: « O diluvio não é d'agua... »

A Lecouvreur, a Mars e a Rachel não deram beija-mão.

A condessa Ristori — a imperatriz da scena — acclamada assim nos pontos mais eminentes da civilisação do globo, nunca se expôz ao beija-mão.

Os GENIOS sabem demarcar entre a gloria e a irrisão. Assim que as fumaças do nardo lhe disparam em fumigações de assafétida, escondem o nariz.

A senhora Emilia das Neves tem um mereci-

mento relativo ás suas compatriotas no tablado. Uns criticos disseram que o diadema d'ella era usurpado da fronte da Soller, que se enterrou ha dias. Não me bandeio n'estes juizes apaixonados; mas da minha razão para a minha consciencia, e d'esta para Deus, declaro que Emilia das Neves não sustenta, diante da arte imparcial, o confronto com Manuela Rey.

E, como não beijei ainda a mão de nenhuma, sustental-o-hei contra todos os narizes de cêra em que anda calorosamente apregoada a realeza da senhora Emilia. Isto não é desnacionalidade: Manuela Rey nasceu em Hespanha; mas o talento deu-lhe fôro de portugueza. Trocou o seu idioma pelo nosso. Offereceu humildemente o espirito de doze annos á educação da scena. Levantou da rampa as flôres primeiras que lhe atirou a mão generosa d'algum presagiador d'aquelle precoce engenho. Ella ahi está na sasão de grandes triumphos; e, todavia, na sua plana emparelham-na em estipendio as actrizes, que apenas tem memoria, e um presbytismo de intelligencia incorrigivel. Manuela Rey acceita do thesouro agradecida o indispensavel a uma vida parca: a senhora Emilia, a argentaria, faz publicar livros em louvor de sua pessoa, e esmiuça com sordida sovinaria as ulti-

mas fracções da pitança que se legisla do galarim do seu orgulho.

A estas mulheres basta dar-lhes dinheiro: não se lhe beijam as mãos.

Por isso é que eu não fui ao Bom Jesus do Monte n'aquelle dia.

A folhagem das minhas arvores devia de estar amarella!

1863.

I

Já outro coração, outra alma, e outra luz!

Estavam apagadas as lampadas electricas dos meus arvoredos.

As arvores... eram troncos e folhas.

O ceo era o espaço interposto aos corpos luminosos e opacos.

A agua das fontinhas era a combinação de 88,91 partes de oxygenio com 11,09 de hydrogenio.

O sol era o centro do systema planetario.

A noite era um processo escuro de bronchytes.

E eu... era o homem da natureza.

E, por isso, naturalmente me constipei, assim que da calma do caminho passei á frescura das sombras. E eu d'antes não me constipava. Era clima de Paraizo terreal para mim aquelle! Bastava-me a lava

interior para reagir ás frialdades da preferia. Á sombra dos meus plátanos nunca me havia instillado aos bronchios uma gotta de peçonha. As almofadas de relva, quando me eu deitava por aquelles combros, nunca me coaram aos ossos o rheumatismo.

E agora, arrazado o viveiro d'oiro d'onde me sahiam as pombas candidas das minhas chimeras, todo o meu ser alli era um gemer de entrevado, que se contorce em angustia.

Ao meu lado, á cabeceira do meu leito de enfermo, com o cotovêllo apoiado ao travesseiro humido de minhas lagrimas, estava uma visão maldita do Senhor, o ministro da flagellação expiatoria dos erros de minha vida. A sua boca extravasava de sarcasmos; dos olhos coruscavam-lhe as faúlas, que resaltavam do coração feito braza infernal; o bafo rescaldava, como lingua de fogo.

Era assim a visão maldita do Senhor.

E eu, com o peito arquejante de ancias, punha aos labios o travor d'aquelle calix, e dizia: *Amplius, amplius, Domine!*

Quando eu, a través da vidraça, expraiava os olhos por aquelle ceo, dizia, abafando os soluços: « Ó ceo das minhas alegrias! ó alva nuvem onde vos vejo ir amortalhadas! ó cantoras das selvas, os vos-

sos regorgeios já me soam como o gemer da ave hybernal sobre um tumulo. »

E chorava sem vexame dos meus cabellos brancos.

E o Senhor, depois que eu chorei muito, mostrou á minha escuridade um como lampejo de gladio na mão de um archanjo de semblante formidavel de pavor.

Estremeci até á medula dos meus ossos, e ouvi:

— EXPIA!

E, desde aquella hora, as minhas agonias tem a doçura do escravo, que conta os dias do captiveiro remissivel.

Bemdito sejaes, Senhor Deus de Saulo, que vos amerciaes do delinquente, afogando-o na onda da agua amarissima da expiação!

II

Até este anno, eu nunca perguntei que mão piedosa levantara a primeira capella do sanctuario.

Que me fazia a mim saber da obra do homem, se a minha alma era pequena para abranger o infinito da mão divina?

Depois, sim. Os olhos da minha face viram as grandezas da arte: os d'alma, voltados sobre si mesmo, o que viam era a enchente do fel sem intermissão.

Pedi noticias aos que as tinham esmiuçado, escrevendo-as, e trasladando-as d'aquellas lapides, sagradas duas vezes — pelo engenho e pela piedade.

As primeiras pedras d'este monumento glorioso

do Salvador lançaram-nas D. Jorge da Costa, arcebispo de Braga em 1474; D. João da Guarda em 1522; e D. Rodrigo de Moura Telles em 1725.

Chamava-se *Espinho* a serra onde primariamente se arvorou uma cruz com sua capellinha. A ermida, com o impulso d'um dignitario da sé bracharense, alargou-se. Um seculo depois a devoção achou arrazada a ermida, e reedificou-a, adornando-a com a imagem de Christo, sob a invocação de Bom Jesus do Monte.

Instituiu-se uma confraria, que se foi esmolando os paramentos para a capella, e a fabrica d'umas outras, que estão sotterradas nos alicerces das que ora existem. De hoje a trezentos annos, que pompas architectonicas hão de ver alli os crentes do futuro? Quem receará enganar-se, antevendo que nenhuma capella, nenhuma pompa, nenhum braço de cruz quebrada alveje entre a espessura da matta? Quem me diz que haverá arvores e serra por lá!? Estarão alli uns fabricantes inglezes com engenhos de algodão, um algodão que os inglezes hão de inventar? A egreja de hoje, desmantelada de retabulos, e brocados, e reliquias, e orgãos, será um soturno receptaculo de protestantes?

Mando esta pergunta ao anno de 1964, se ainda então se contar pelo nascimento de Christo.

Prendendo o fio da breve narrativa, as obras continuaram prosperamente desde 1722. Os passeios interpostos ás capellas datam d'esta época.

No local onde está S. Longuinhos, offerta d'um devoto em 1819, era a torre do antigo templo, inteiramente abatido. Algumas capellas foram feitas á custa dos professores de latim de Braga. Não se julgue da riqueza d'um mestre de latim no seculo passado, nem da sua santimonia por este facto. É que os valentes ousaram medir-se arca por arca, sobre a competencia do ensino, com a companhia de Jesus. Perderam a demanda, e pagaram as custas, com as quaes se construiram principalmente as quinze estatuas dos escadorios. Pobres latinistas! aquellas estatuas deviam symbolisar a vossa angustia petrificadora, quando vos converteram o suor em Esdras, e Josephs, e Salomões! Os jesuitas metteram-vos á força a immortalidade em casa.

Manoel Rebello da Costa, fallecido em 1771, foi o braço mais poderoso que tirou da rocha o maximo das grandezas do sanctuario.

Seguiu-se depois a edificação do templo, coadjuvada por Pedro José da Silva, e a plano do archite-

cto Carlos Luiz Ferreira da Cruz Amarante, fallecido no Porto em 1815, e sepultado na egreja da Trindade, cujo risco d'este templo offerecera gratuitamente.

RECAPITULAÇÃO.

I

Ao descer da montanha das lagrimas, um livro de Castilho, uma pagina sacratissima do evangelho do coração, fallou-me assim:

« Oh! detende-vos ahi; detende-vos; abraçai-vos « aos troncos floridos o mais pertinazmente que po- « derdes, que em principiando a descida... adeus « primavera! adeus amores! adeus sabedoria das « loucuras! adeus miragens e musicas da vida! adeus « de vós a vós mesmos! e adeus esperanças de re- « nascerdes nunca mais! Os leitos de rosas e corôas « de violetas já lá estão hospedando a outros viajan- « tes que vos expulsaram. Resignai-vos, se podeis, « á peregrinação por sobre espinhos e por entre sau- « dades cada vez mais espessas!... »

Eu tinha comigo a CHAVE DO ENIGMA: havia pre-

destinação n'aquella pagina. Gerson escreveu um livro, que cada infeliz, se o abre, lê, considera, contempla, e se cuida antevisto na sua dôr pelo varão de Deus, que lá do seu bemaventurado cenobio lhe offerece o balsamo das chagas de Jesus. Como o livro de Gerson, ou Kempis, ou anjo sem nome, outros livros escrevem os inspirados, os videntes, os poetas que se fizeram, como Castilho, nas tristezas da infancia, na pureza de affectos, no amoravel parentesco e seio consolativo de todo o homem, no recolhimento e benção de familia, de esposo e pae; na paciencia para injurias de ingratos; na pobreza, thesouro cheio das virtudes do desprendimento; no amor ás crianças; na paixão com que se vai á porta dos reis a pedir o amparo d'ellas, e á porta das cabanas a pedir de emprestimo aos paes as pobres almas de seus filhos para restituir-lh'as ricas. Os operarios d'esta vinha, que o Senhor deixou demarcada em terra fragosa, e os apostolos arrotearam, e os missionarios da recrescente luz implantaram, não são simples poetas: são santos!

Oh meu amado mestre, santas foram para mim as palavras do teu livro, urna de balsamos hauridos por entre muito espinho das flores que o anjo bom da humanidade te vai segredando. No formidavel

prelio das almas allumiadas e bemquerentes contra a horda negra dos egoistas abroquelados de impenetravel bestidade, são aquellas flores, d'onde espon-jaste a ambrosia do festim dos tristes, as que diademam a fronte dos que triumpham. O vencedor és tu, poeta, que vaes mundo além com os olhos da tua alma — olhos como devem ser os contempladores da Divindade no seio d'ella — e voltas desde as raizes do Calvario pela trilha da redempção, pregoando ao mundo, com a doutrina e com o exemplo, que ha muita alma a redemir do golfão da bruteza, muito coração a disputar ás garras da ignorancia para os enviar a Deus, que os pede, e á civilisação, que os chora, como a filhos perdidos!

Oh meu amigo! porque hão de sempre o teu nome, e a tua imagem, e os teus livros influir-me n'alma um sabor de ternura filial e genuflexão cariciosa, que eu bem não sei se é o espanto do teu talento, se a reverencia ás tuas virtudes!...

II

Li as palavras do perscrutador das secretas angustias, e circumvaguei um extremo olhar ás minhas arvores. Depois, no cercado da ultima capella, encostei a face ao musgo de uma rocha, puz o meu espirito uo remoto ponto dos vinte e sete annos passados, desde a primeira vez que alli viera, e desci discorrendo até áquella hora derradeira. A cada passo tropeçava n'um tumulo.

Vi aquella Carlota, ameigadora da minha infancia; e eu, que não conhecera mãe, amara e quizera-lhe muito, como criança que, só em seio de mulher, experimenta o calor em que se lhe fórma o coração.

Estava morta.

Vi minha irman, a toucar de flores silvestres as tranças negras que lhe esvoaçavam em anneis, for-

mosa, mais alegre que meditativa, mais cuidosa da esperança que da saudade. Peor que morta: está velha! Quando ha tres annos a vi, depois d'uma ausencia de doze, estive quasi a pedir-lhe uma justificação da pessoa para se habilitar aos meus affectos de irmão. Não se riam d'isto, que é triste.

Vi D. João de Azevedo, o ethna, o homem mais amante de mulheres que ainda vi; o mais destemperado idealista que Platão sonhou; a criança mais doida de chimeras que ainda se rasgou as carnes em póz d'uma borboleta. E que valor no remessar-se á desgraça peito a peito! Que desapêgo dos bens supremos da terra, desde o cobre até ao ouro, desde o valor de quarenta cadernos de papel escriptos de seu punho até ao papel-moeda, rubricado por uns homens que nunca viram coisa do punho d'elle!

O D. João de Azevedo, que vendera o *Sceptico* a um jornal por cincoenta cruzados novos! e gastara cem na impressão d'um folheto de ciumes, que só leram o compositor, e a ingrata, e elle!... O grande escriptor que attingiu a esphera dos mais vigorosos athletas do seu tempo no circo ou curro da politica. O poeta, que tão de improviso nos dava anachreonticas dos mimosos vinte annos, já com mais de quarenta glaciaes janeiros na alma, e quarenta paixões

infamadas pela hypocrisia ou pela suez inveja dos seus detrahidores. D. João, que se finou meu inimigo, e que, se n'este instante me vê, se ha de maravilhar de ter deixado apenas um inimigo, entre tantos amigos, que lhe saiba ainda agora o nome...

Está morto o D. João d'Azevedo.

Jacintho Navarro de Andrade, o alegre espirito, o espirito mais attico nos chistes, e delicado nos epigrammas, e odiado das mediocridades. Ninguem mais avêsso a contubernar com scismadores, com imaginações de telhas acima, com poetas. E, assim mesmo — que incongruencia! — eu, mal lhe ouvia os passos, fechava o livro, largava a penna, espancava do meu escriptorio todas as visualidades em fórmas de cherubins, em fórmas de mulheres, em fórma até de austeras matronas ou graves Catões, que me estivessem dictando, ellas, um capitulo de moral para uso dos collegios de meninas; elles, um artigo regenerador dos costumes sãos da republica podre.

Morreu Jacintho Navarro.

Aqui está a sombra ainda de Fanny Owen.

Vejo-a sentada no degrau da capellinha do Gethsemany. Alli descançou, quando descemos juntos para nos despedirmos. D'este outro lado estava José Augusto, que me disse: « Hei de aqui voltar todos

os annos ». E ella ajuntou: « Levo saudades ». Por que não, virgem, se d'alli vieste enamorar-te do Senhor, que te levantou uma cortina, além, no ultimo azul do firmamento, e mandou ás suas estrellas que te projectassem um clarão por sobre as asperrimas agruras do teu caminho até lá! Saudades! como as despedirias do teu seio anhelante d'amor, se aqui, mais que em nenhuma hora de tua vida, te sentiste amada d'estes silencios, que te entendiam, d'este murmurinho que te psalmodiava os threnos doloridos do teu acabado contentamento em coisas do mundo!...

Aqui te apertei a mão rescaldada da febre, vi-te ir, e a toada das selvas era um como gemido por ti, doce amiga das flores e das sombras, que nunca havias de mais voltar a vêl-as!

Morreu Fanny Owen.

Aquelle jovial moço, que eu conhecera nas doidices de Coimbra, amando mais o Penedo da Saudade, que os bancos escolares, lendo menos nos livros, que nos cedros da fonte de Ignez, foragindo-se ás tempestades da roda dos amigos para se esconder nos arvoredos de Santa Cruz; José Augusto, gentil, poeta, rico, requestado, cavalheiroso, apontado em todos os dictames do pundonor, planeando program-

mas de vida, sobre setenta annos que esperava viver, ora assasoada de delicias sem desdouro, ora serena no remanço da sua aldeia, ora turbulenta como a dos corações tão de pressa cubiçosos como entediados...

José Augusto morreu.

A mulher da paixão, que eu, no pavor da minha soledade, pedira ao Senhor;

A mulher que me acorrentou a um cadafalso de supplicios ignominiosos;

A mulher que me levou as virtudes da alma e o pudor do coração, quando eu já não tinha lagrimas, que me ella pedisse;

A mulher, a quem a Providencia divina, em sua ira justiceira, atirara aos gryphos do dragão do mundo, contra o qual eu pozera o peito, em quanto o coração teve sangue que expedir;

A mulher que me fez odiar a justiça de Deus, e insultar a providencia dos homens;

Essa mulher morreu.

Maria, a incendida noiva de um anjo, que viera aqui pedir novas do seu amado aos voadores do ceo; aquella avesinha branca, e tão linda, tão nova, com tanto amor ao vago, que se lhe transluzia, a tempo

que o calor do coração lhe vinha estuar nos labios calcinados; Maria, que eu havia de amar no ceo, se a minha alma não estivesse condemnada á perpetua escuridão, ao horror infinito dos que espedaçaram no rosto da virtude a lampada accendida pela piedade no confluente dos dois caminhos que vão dar á dextra ou á esquerda do Senhor. Maria morreu.

III.

Levantei-me.

Não tinha já uma lagrima para cada sepultura.

Volvi os olhos enxutos para as ramarias que tremulavam bafejadas pela viração da tarde.

Ao anoitecer, cheguei a Braga.

Passei no adro d'um templo aberto. Vi lá no topo, sob o arco da capella-mór, um vasquejar de cirios. Cuidei que era um esquife. Ao lampejo das velas avistei dois vultos de mãos postas, e disse entre mim: « Está-se alli chorando a perda de uma vida. Vejamos a formosa magestade das lagrimas á orla d'um feretro ». Avisinhei-me com o sublime tremor da piedade. Era uma sepultura raza, com uma inscripção que as flores me não deixaram entre-ler.

Ergueu-se um ancião dos dois que estiveram orando.

Perguntei:

— Quem está aqui sepultado?

— É o padre mestre João da Neiva — respondeu.

— Santo? — repliquei.

— Virtuoso — retorquiu o velho. — Santo, Deus o sabe.

— Faz milagres? — voltei eu.

— Os affligidos, que tem aqui chorado, dizem que sim. Os milagres, que eu tenho pedido ao virtuoso, todos me tem feito.

— Serei indiscreto perguntando-lhe a natureza d'esses milagres?

— Não senhor: eu lhe digo: o que eu lhe peço é allivio em desgostos grandes: quando me levanto de orar estou consolado. Estes milagres não m'os tem feito os consolativos discursos dos philosophos, nem ainda as declamações dos oradores sagrados, nem a uncção dos Evangelhos de nosso Senhor Jesus Christo. Despenar-se com tão pouco uma alma em transes, é grande maravilha.

— Póde dar-me um resumo da vida do padre Neiva? — tornei eu, com bom espirito.

— Praticou a virtude.

— Mas, se alguns pormenores...

— Praticou a virtude sempre. Não se sabem as virtudes occultas: viu-se-lhe apenas o que elle não podia esconder em setenta e quatro annos de humildade, de pobreza, de oração, de beneficencia. Crê-se que este virtuoso estava da mão de Deus; por isso aqui vem os que tem fé na sua intercessão.

— E este virtuoso seria desgraçado? — redargui.

— Não senhor: ria-se-lhe o semblante nas enormes tribulações das enfermidades, que foram muitas nos ultimos annos.

— Era sabio?

— Foi lente de theologia; prégador de nomeada em Lisboa; e prior do seu convento em S. João da Cruz de Carnide. Quando os frades sahiram dos conventos, frei João foi encarcerado n'uma enxovia, porque não despira o habito, nem o pudera esconder dos olhos que se escandalisavam de verem o pobre frade fiel ao voto que fizera de nunca o despir. Depois mandaram-no em paz morrer de fome onde quizesse. Chegou a Braga, e foi agasalhado. O seu pão era pequenino: pouco lhe abastava. Não pedia nada para si; e andava esmolando para indigentes

obscuros. Quando lhe avultavam mais as dadivas, ia comprar nos recolhimentos religiosos uma cella para alguma menina pobre que estivesse sem amparo, ou mal esteiada contra os perigos do mundo. É o que eu sei da vida d'este consolador. Se soffre, senhor, se a sua dôr não é soberba, humilhe-se aos pés d'essa sepultura, que estão ahi as cinzas d'um virtuoso.

Ajoelhei; e orei.

Eu não tinha lagrimas; e a bemaventurança é promettida aos que choram.

As lagrimas são o oleo lustral da purificação. Quando me ellas refrigerarem os olhos, adustos ainda de remirarem as lavaredas do seu inferno, então voltarei á sepultura do virtuoso.

FIM.

LIVRARIA DE VIUVA MORÉ, EDITORA.

BIBLIOTHECA MORÉ.

Volumes publicados, formato Charpentier:

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Amor de Perdição; 2.ª edição — 1 vol. 500
Amor de Salvação — 1 vol. 500
Doze Casamentos Felizes, collecção de pequenos romances; 2.ª edição revista pelo author — 1 vol. . 500
Estrellas Funestas — 1 vol. 500
Estrellas Propicias — 1 vol 400
Memorias do Carcere; 2.ª edição — 2 vol. . . 800
No Bom Jesus do Monte — 1 vol. 500
As Tres Irmans — 1 vol. 500
Romance d'um homem rico; 2.ª edição com um prefacio — 1 vol. 500

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA

A Mocidade de D. João V, romance historico; 2.ª edição revista pelo author — 3 vol. . . . . 1$500

JOÃO DE ANDRADE CORVO

Um Anno na Côrte, romance; nova edição revista pelo author — 3 vol. . . . . 1$500

THEOPHILO BRAGA

Visão dos Tempos — 1 vol. (com o retrato do author) 500
Tempestades Sonoras — 1 vol. (no prelo).

ADRIÃO PEREIRA FORJAZ DE SAMPAIO

O Bussaco e a Serra da Louzan — 1 vol. . 500

FR. FRANCISCO DOS PRAZERES MARANHÃO

(O FLAVIENSE)

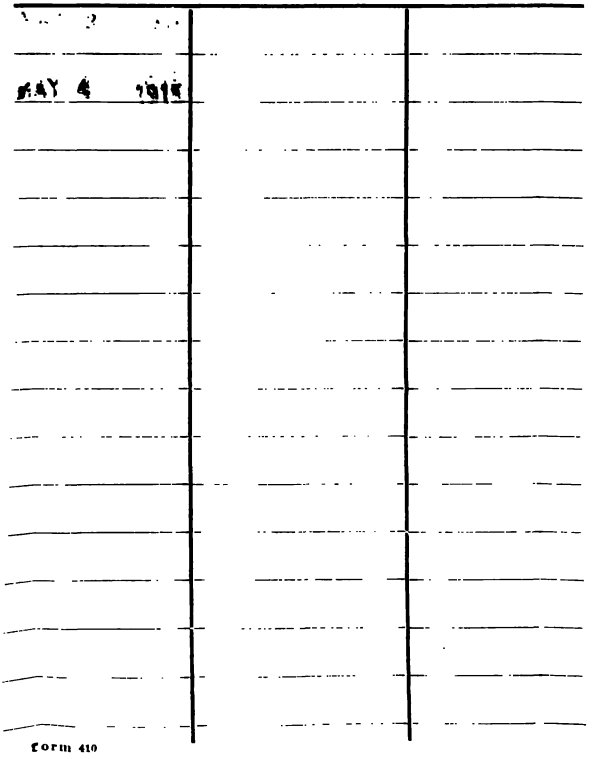
Diccionario Geographico de Portugal, e suas Possessões Ultramarinas; nova edição consideravelmente augmentada e reduzida á moderna divisão territorial por *Manoel Bernardes Branco* — 1 vol. 8.º . 800

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Annos de prosa, romance — 1 vol. 8.º . . 500

THE NEW YORK PUBLIC LIBRARY
REFERENCE DEPARTMENT

This book is under no circumstances to be taken from the Building



MAR 24 1915
MAR 26 1915
MAR 27 1915
MAR 28 1915
MAR 29 1915
MAR 30 1915